

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**A INDÚSTRIA DE ARMAS LEVES DO BRASIL E A SUA  
RELEVÂNCIA PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL**

**RAFAELLA MARQUES DA SILVA - 1420594**

**ORIENTADOR: MARCELO NONNENBERG**

**Rio de Janeiro,  
Maio de 2018**



Instituto  
de Relações  
Internacionais



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**EIXO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL**

**A INDÚSTRIA DE ARMAS LEVES DO BRASIL E A SUA RELEVÂNCIA PARA O**  
**COMÉRCIO INTERNACIONAL.**

**RAFAELLA MARQUES DA SILVA - 1420594**

**ORIENTADOR: MARCELO NONNENBERG**

Projeto de conclusão de curso ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

**Rio de Janeiro,**  
**Maio de 2018**

## **Agradecimentos**

A meus pais, Carla e Antônio Carlos, que fizeram de tudo para a Universidade se tornar um sonho possível. Obrigada por todo amor e carinho que recebo diariamente.

A família Marques, Nely, Nádia, Mauro, Bianca, Júlia, Mariana, Bruno, Kelli, Clay, Pedro, Miguel, Charly, Tânia e Viana.

As minhas amigas internacionalistas: Sophia Anachoreta, Bruna Castro, Giulia Caruso, Ana Bravim e Gabriela Tibau. Obrigada por todas as risadas e choros que vivemos nestes quatro anos de universidade.

Ao Professor Marcelo Nonnenberg pelo apoio na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Aos meus amigos, Taiene Rabello e Leandro Garnier, pelo incentivo e apoio constantes.

*Este trabalho é dedicado aos meus pais, Carla e Antônio Carlos,  
que estiveram sempre ao meu lado durante esta trajetória  
universitária.*

## **Resumo**

O texto analisa o histórico da inserção externa da indústria brasileira de defesa e o papel de relevância que o país tem no mercado armamentos leves. Demonstra-se que, para um país no qual as aquisições internas de equipamentos militares são relativamente baixas como o Brasil, as exportações de armas leves desempenham papel essencial à manutenção da sua indústria de defesa. O texto também mobiliza análises comerciais sobre o Brasil, seus principais concorrentes e o mundo. Uma análise como esta pode ser para prever os próximos passos do Brasil dentro desse mercado, mapeando a expansão de seu comércio internacional.

**Palavras chave:** Armas Leves; Brasil; Exportações

## Sumário

1	Introdução .....	8
2	O conceito de Armas Leves.....	10
2.1	A insurgência do uso de armas leves.....	11
2.2	Definição de Armas Leves e Pequenas.....	12
3	Formas de controle sobre o comércio de armas .....	14
3.1	Histórico das regulamentações .....	14
3.2	O Arms Trade Treaty.....	16
4	O Mercado de Armas Leves no Brasil .....	18
4.1	Entendendo a Indústria de Armas Leves no Brasil.....	19
4.2	A Produção de Armas Leves no Brasil.....	21
4.2.1	Forjas Taurus .....	22
4.2.2	IMBEL.....	23
4.3	A Exportação de Armas Leves do Brasil .....	24
5	O Mercado Internacional de Armas Leves e a Indústria de Defesa dos Principais Exportadores.....	29
5.1	Características da Produção Mundial de Armamentos Leves .....	29
5.1.1	A Importância da Tecnologia para o Mercado de Armas Leves .....	32
5.2	– Análise sobre às Exportações de Armamentos Leves. ....	33
4.1	– Itália .....	37
5.2	– Alemanha.....	40
5.3	– Estados Unidos .....	43
6	Considerações Finais .....	47
7	Referências Bibliográficas:.....	50

## **Lista de Tabelas, Gráficos e Figuras**

Gráfico 1 - Evolução das Exportações de Armas Leves do Brasil, em US\$ milhões, 2010 - 2017.

Gráfico 2 - Variedade das Exportações de Armas Leves, em 2016.

Gráfico 3 - Principais Unidades Federativas Brasileiras Exportadoras de Armas Leves, 2017.

Gráfico 4 - América do Sul: Porcentagem das Exportações de Armas Leves, em 2016.

Gráfico 5 - Os quatro maiores exportadores de armamentos leves, em US\$, 2010-2016

Gráfico 6 - Evolução das exportações de armamentos da Itália, em US\$, 2010-2016

Gráfico 7 - Evolução das exportações de armamentos da Alemanha, em US\$, 2010-2016

Gráfico 8 - Evolução das exportações de armamentos dos Estados Unidos, em US\$, 2010-2016

Tabela 1 - Exportações Brasileiras de Armas por Região, em US\$ milhões, 2004 - 2013.

Tabela 2 - Taxa de Variação das Exportações Brasileiras de Armas Leves por Região, 2004 - 2013.

Tabela 3 - Os 10 maiores exportadores de armas pequenas e leves, em 2012.

Tabela 4 - Principais produtoras de armamentos leves da Itália.

Tabela 5 - Principais produtoras de armamentos leves da Alemanha

Tabela 6 - Principais produtoras de armamentos leves dos Estados Unidos

Figura 1 - Comparação dos Valores de Exportação de Armas Leves dos Principais Países, 2013 - 2014, em US\$.

## 1 Introdução

O Brasil é um entre os poucos países que também possuem uma grande e próspera indústria de armas de pequeno porte. Este fato singular tem diversas implicações para as questões relativas a armas de pequeno porte no país, uma vez que as armas leves produzidas no Brasil representam a maioria das armas de fogo relacionadas às atividades criminosas no país. O senso comum brasileiro sempre acreditou que a criminalidade brasileira utilizava armamentos importados, no entanto, estudos mais atuais mostram que a demanda nacional por armas brasileiras foi crescendo à medida que a indústria de defesa brasileira foi se fortalecendo.

A indústria de defesa brasileira cresceu gradativamente a partir de algumas iniciativas como parcerias público privada, desenvolvimento de tecnologias e processos de internacionalização das empresas. Mesmo que de forma tímida, esta indústria sempre foi parte da economia do país, e hoje é o setor mais ativo, de um complexo industrial-militar maior, cujo desenvolvimento e crescimento foi formado pela história política do Brasil no século XX e, especialmente, pelas políticas do regime autoritário em vigência de 1964 a 1985. A indústria armamentista teve um impacto profundo em todos os aspectos regulatórios relacionados a armas de pequeno porte no Brasil: Do controle da posse e o porte de arma, até o questionamento de como a exportação de armas é classificada nas estatísticas oficiais de comércio e no status da legislação brasileira. (Small Arms in Brazil, 2010).

Atualmente, a indústria brasileira de armas leves é composta por poucas empresas e dominada por apenas duas: Forjas Taurus e IMBEL. O Grupo Forjas Taurus, que é uma empresa privada, está caminhando para o monopólio da produção de armas de cano curto, enquanto a IMBEL, que é uma empresa pública e a principal produtora de armas e munições para o exército, tem uma posição relevante, mas bem menos expressiva que a Forjas Taurus. O desnivelamento entre as empresas é dado justamente por uma característica muito importante para as economias atuais: inserção no comércio internacional; enquanto a IMBEL tem uma baixíssima participação nas exportações de armamentos, a Forjas Taurus exporta quase 90% de sua produção e tem grande inserção no mercado norte-americano. Ainda que com posicionamentos diferente, juntas, elas ajudaram o Brasil a consolidar sua posição como um produtor e exportador médio de armas leves, o segundo maior no Continente Americano.



Todo esse panorama é essencial para justificar a posição de relevância do Brasil no comércio internacional de armas leves. Em 2013, o país ficou em quarto lugar no ranking de maiores exportadores do mundo, ficando somente atrás de Estados Unidos, Alemanha e Itália, um resultado expressivo para um país em desenvolvimento. Em geral, o comércio internacional de armas de pequeno porte movimentou U\$S 5,8 milhões em 2013, aumento de 17% em comparação ao ano anterior (Nações Unidas, 2016). O capítulo 4 foi estruturado de forma a fazer uma análise da inserção e papel do país no mercado de armas leves. Para melhor desenvolver a análise, o capítulo 4 dará um panorama da estrutura da indústria de defesa do Brasil, fazendo análises sobre a produção interna e o fluxo de exportação deste segmento.

O mercado de armamentos é bastante abrangente, além de armas leves existem armas convencionais, armamentos pesados, entre outros. A delimitação do escopo de estudo é uma das principais partes da análise; para isso, este artigo trará uma análise sobre o conceito de armamentos leves, passando por quais são os armamentos que integram esta classificação e quais são as funções mais comuns para estes armamentos. Além desta definição, este texto também mobilizará informações sobre as regulamentações do comércio internacional de armamentos, analisando de que forma estes acordos podem favorecer o comércio e diminuir os índices de violência humana, violações dos direitos humanos e criminalidade.

Com o objetivo de contribuir para o atual debate sobre o papel do Brasil no comércio internacional de armas leves, este texto analisa as principais características das exportações brasileiras de equipamentos militares leves, abordando cinco tópicos: i) o conceito de armas leves; ii) o controle internacional sobre o comércio de armas; iii) o histórico, o volume de produção e as principais empresas da indústria bélica brasileira; iv) a participação histórica destas exportações no mercado mundial de equipamentos militares; v) análise sobre os principais concorrentes do Brasil no mercado de armas leves. Para tanto, o texto foi dividido em algumas subseções, além desta introdução e das considerações finais. Além de análises de montante de exportação, o trabalho articula o papel das tecnologias no mercado internacional de armamentos e qual a função das exportações para as indústrias nacionais de defesa de países selecionados. Para um cenário futuro, aborda-se o desenvolvimento de mecanismos de controle sobre as transferências de armas leves, mobilizando algumas análises sobre o papel das transferências ilegais para o aumento dos conflitos internos e da criminalidade.

A análise foi elaborada a partir de dados sobre o comércio de armas, retirados da World Integrated Trade Solution (WITS), Norwegian Initiative on Small Arms Transfers (NISAT) e o Aliceweb. Levando em consideração a definição de armas leves apresentada pelo Painel de Peritos governamentais da ONU de 1997, que considera a portabilidade uma característica definidora, a análise utiliza dados que compõem o capítulo 93 do Sistema Harmonizado (SH), para armas e munições em geral. Foram adotados então os seguintes códigos: 9301.20 e 9302.00 - Armas pequenas militares; 9302.00 - Armas curtas e; 9303.20 9303.30 - Armas longas esportivas e de caça; 930621 - Cartuchos de espingarda; 930521 - Barris de espingarda; 930520/930529 - Partes e acessórios de espingardas; 930510 - Partes e acessórios de revólveres e pistolas; 930599 - Partes e acessórios de armas leves e pequenas.

## **2 O conceito de Armas Leves**

A proliferação das transferências ilícitas e o uso indevido de armas leves estão entre questões de segurança mais discutidas pela comunidade internacional nesta última década. Dezenas de pessoas são mortas ou feridas a cada ano em conflitos ou crimes travados principalmente com este tipo de armamento (Globo, 2015). Além dos crimes urbanos, as armas leves também são os armamentos de escolha de muitos terroristas; aproximadamente metade dos incidentes terroristas<sup>1</sup> foram perpetrados com estes armamentos.

Dito isso, entende-se que o comércio de armas leves é um tópico de pesquisa muito delicado para as relações internacionais, dado que grande parte do comércio deste segmento é ilegal. (Veja, 2010) A distorção entre transferências legais e ilegais afeta diretamente a análise quantitativa deste comércio, dificultando a busca por dados coerentes que auxiliem as análises deste setor. O ponto inicial para o desenvolvimento de análises sobre o comércio de armas leves concerne a delimitação do conceito desta classificação de armamentos.

O presente capítulo vai examinar os diferentes conceitos que permeiam o setor bélico mundial, dando enfoque para as distinções entre armamentos convencionais e armamentos leves. Os conceitos de armas leves e armas pequenas são mobilizados para

---

<sup>1</sup> Acidentes documentados

otimizar a compreensão do papel dos armamentos leves no comércio internacional. Ademais, este texto vai analisar a importância das armas leves no mundo atual e como elas tornaram-se objetos de vários estudos das relações internacionais.

## **2.1 A insurgência do uso de armas leves**

O fim da guerra fria mudou as percepções sobre a incidência e natureza dos conflitos violentos, e motivou um novo momento para as questões de segurança internacional. A redução das tensões entre ocidente e oriente, e da possibilidade de um grande conflito preocupou as instituições, pois isto significaria uma possível mudança nos focos dos conflitos internacionais. Conseqüentemente, um tipo diferente de atenção foi dado aos conflitos em outras partes do mundo, e a prevalência de tensões intraestatais transformou os pequenos conflitos em uma questão central para o mundo.

A transformação do enfoque da segurança internacional foi o motor da mudança das prioridades nas indústrias bélicas mundiais, ou seja, os novos tipos de conflitos passaram a demandar outros tipos de armamentos e a indústria precisava se adaptar ao novo enfoque do mercado. Estudos publicados desde o início dos anos 90 concluíram que as armas pequenas e leves eram predominantemente utilizadas em conflitos atuais, substituindo as artilharias pesadas que eram utilizadas nos conflitos interestatais.

Esta questão desencadeou debates específicos e diversas ações governamentais, por exemplo, a assinatura de tratados de regulamentação de armas leves, que rotulavam a categoria de armas pequenas e leves como um problema específico para a segurança internacional em si. Os novos conflitos deram grande enfoque para este setor da indústria bélica mundial e tornaram-se agentes diretos da grande popularidade que o conceito de armas leves tem atualmente.

Entende-se que as armas leves são descritas como armamentos de oportunidade, isto é, são armas mais baratas e com melhor usabilidade para estes conflitos. Além disso, as armas leves também são frequentemente rotuladas como armas de destruição em massa, - um conceito que remete a artilharias - uma vez que são muito utilizadas para o assassinato de milhares de pessoas em conflitos internos. Essa crença dissipa conceitos existentes de armas de destruição em massa e desfoca o contexto da política, em que diferentes classes de armas precisam ser manuseadas de acordo com diferentes procedimentos normativos, legais e práticos. Assim, para ter um melhor entendimento

sobre este conceito e, conseqüentemente, o novo momento da segurança internacional, precisamos entender o que de fato são armas leves.

## **2.2 Definição de Armas Leves e Pequenas**

Os armamentos são classificados a partir de análises sobre uso, tamanho e funcionalidades técnicas, no entanto esses rótulos variam de acordo com conceitos desenvolvidos por serviços militares. De forma mais simples, pode-se dizer que as armas leves são armamentos desenvolvidos para uso pessoal, ou seja, são instrumentos que não demandam conhecimento técnico para o uso. O conceito técnico explica que os armamentos leves apresentam valores de calibre entre 40 e 66 mm, englobando armas de fogo como pistolas e revólveres, e armas de cano mais longo como rifles, carabinas, sub-máquina metralhadoras, metralhadoras leves e lançadores de granadas. (Small Arms Survey, 2014)

Os armamentos leves são utilizados por um grande leque de consumidores: Os exércitos estatais - atores que detém o legítimo monopólio da força -, forças internas de segurança, empregam estes armamentos para autoproteção ou autodefesa, além de combates a curta ou média distâncias. A venda de armamentos é legalizada em alguns países e os cidadãos costumam comprar armas para uso esportivo e autoproteção, no entanto a maior parte da demanda ainda vem dos serviços militares estatais. (Safeworld, 2012)

Em meio a fazer uma análise mais detalhada sobre o conceito de armas leves, este artigo vai apresentar e detalhar os tipos que armamentos que estão inseridos nestes conceitos. Por sua vez, é importante entender que não existe uma definição internacionalmente aceita para o termo armas pequenas e leves, mas considera-se que armas leves são armamentos portáteis fabricados ou modificados de acordo com especificações militares para serem utilizados como instrumentos letais de guerra.

Iniciando o detalhamento pelo conceito de armas pequenas, engloba-se alguns tipos de armamento como armas de mão, pistolas automáticas, revólveres, armas de cano mais longo, fuzis de assalto, “bolt rifles”, fuzis semiautomáticos, espingardas, espingardas próprias para caça, metralhadoras e lançadores de granada. As armas de mão são pequenas armas que, em teoria, podem ser disparadas com uma única mão. Elas são amplamente disponíveis e podem ser facilmente ocultadas, o que as torna um dos

principais armamentos utilizados em crimes, especialmente em áreas urbanas. Seu uso militar é limitado, mas a polícia é frequentemente armada com este tipo de armamento. (Safeworld, 2012)

No que tange a pistolas automáticas, pode-se explicar que estas são armas que armazenam a munição no punho e preparam automaticamente uma nova rodada para disparar até que o armazenamento do punho esteja vazio. Os revólveres, que tendem a ser armas mais antigas e têm balas em um cilindro rotativo acima do gatilho, são vistos com menos frequência. As armas de cano mais longo são caracterizadas por ter gatilho na extremidade traseira, retida no ombro do atirador para dar maior estabilidade. Diferentemente das armas de mão, os armamentos de cano mais longo requerem duas mãos para atirar de uma forma mais eficaz. (Small Arms Survey, 2014)

Permeando o conceito de armas pequenas e armas leves, entende-se que armas pequenas são amplamente classificadas como armamentos destinados ao uso individual de membros de forças armadas ou de segurança. Diferentemente, o conceito de armas leves é caracterizado por armas destinadas ao uso de uma equipe, isto é, o uso não é necessariamente pessoal e por isso são armas comumente utilizadas para ações em grupo. Munições e explosivos são parte integrante de armas pequenas utilizadas em conflitos. A disponibilidade de munição é um importante elemento independente, já que armas são inúteis sem a munição apropriada. A produção em massa de munição moderna, confiável e eficaz requer ferramentas industriais altamente desenvolvidas e precisas. Supõe-se que todos os países que produzem armas pequenas e leves - atualmente mais de 70 - sejam capazes de fabricar a munição relevante, mas isso não é uma regra para a indústria bélica mundial. (Small Arms Survey, 2014)

A busca pela definição do conceito de armas leves resultou na criação de um termo que engloba dois tipos de classificação, armas leves e armas pequenas. Dessa maneira, uma definição "universal" é, no entanto, desnecessária, tal como a definição de armamentos convencionais não é algo crucial para a indústria bélica mundial. Conclui-se então que a definição do conceito deve ser orientada pelo seu propósito, seja ele legal ou relacionado à pesquisa. Assim, neste texto, o termo de "armas leves" irá englobar tanto o conceito individual de armas leves, quanto o conceito englobado de armas pequenas.

## **3 Formas de controle sobre o comércio de armas**

### **3.1 Histórico das regulamentações**

Armamentos leves são ferramentas importantes para a manutenção da segurança dos Estados, uma vez que as forças nacionais dependem deste segmento de armas para garantir a paz na sociedade. A evolução das tensões internacionais, por sua vez, desencadeou novas formas de conflitos, e uma nova e alta demanda por armamentos leves. Além disso, o entendimento do conceito de segurança internacional sofreu fortes mudanças no Pós-Guerra Fria, com o fim dos conflitos interestatais e a insurgência de tensões dentro dos Estados. (Kaldor, 2007)

No final da Guerra Fria, o número de conflitos interestaduais entre os exércitos convencionais diminuiu, e mais atenção foi dada às novas guerras, isto é, conflitos que sofreram modificações com a evolução da globalização (Kaldor, 2013). Juntamente ao cenário, reconheceu-se que a proliferação e o comércio ilegal de armas leves eram fatores importantes nestes conflitos e que esta situação demandava controles internacionais mais rigorosos. A transferência dos estoques excedentes de países signatários do Pacto de Varsóvia resultou na venda de armas para regiões de conflitos armados, grupos armados não-estatais, terroristas e organizações criminosas. O comércio ilegal de armas serviu, assim, para desestabilizar regiões, alimentar e prolongar conflitos, minar iniciativas de paz, dificultar o desenvolvimento e fomentar culturas de violência. (Kytömäki, 2015)

Dessa forma, se caírem nas mãos de criminoso e terroristas, os armamentos leves tornam-se ferramentas de opressão que possibilitam a prática de possíveis violações dos direitos humanos e do direito internacional humanitário. Assim, a estreita relação entre disponibilidade de armamentos e insegurança humana tem recebido níveis crescentes de atenção da comunidade internacional nos últimos anos, resultando em diversas iniciativas de controle das organizações internacionais. (Boivin, 2005)

Desde o início dos anos 80, a comunidade internacional tem dedicado importância a necessidade de implementação de um sistema de controle sobre as transferências de armas convencionais. Atendendo ao cenário da época, um consenso internacional emergiu para reconhecer que a questão dos controles convencionais de transferência de armas deveria ser seriamente tratada como uma responsabilidade internacional compartilhada. Nas Nações Unidas, o tema da regulamentação da

transferência de armas convencionais começou a receber séria atenção quando a comunidade internacional determinou que as armas convencionais precisavam ser controladas concomitantemente com armas nucleares. (Kytömäki, 2015)

Entre 1945 e 1980, a Assembleia Geral da ONU considerou algumas propostas sobre restrições à transferência de armamentos convencionais, mas não tomou nenhuma ação. Então, em 1984, o tema recebeu grande atenção em um novo Estudo das Nações Unidas sobre Desarmamento Convencional. O desenvolvimento de pesquisas sobre o tema e a diminuição das tensões entre as superpotências permitiu que, em meados da década de 1980, o tópico continuasse a progredir de maneira estável. (Kytömäki, 2015)

Durante a Terceira Sessão Especial da Assembleia Geral da ONU sobre Desarmamento, em 1988, uma ampla coalizão de países, incluindo os Estados Unidos e a União Soviética, expressou séria preocupação com a falta de controle sobre o comércio de armas. No final do mesmo ano, a Assembleia Geral da ONU adotou a resolução seminal 43/75 I, que reconheceu que as transferências de armas têm sérias consequências sobre o processo de desenvolvimento social e econômico pacífico dos Estados e no tráfico ilícito de armas, além de atuar como fator agravante para as áreas de conflitos. . (Boivin, 2005)

O período mais significativo de desenvolvimento do controle de armas que definiria o cenário para a criação do Arms Trade Treaty começou no início dos anos 90, no final da Guerra Fria. Décadas de vendas de armas definidas pelas disputas entre ocidente e oriente deram lugar a um período mais fluido, com desafios e oportunidades correspondentes para a regulamentação das transferências internacionais de armas.

Após a invasão do Kuwait pelo Iraque em 1990 e o conflito subsequente, a Assembleia Geral da ONU adotou uma resolução sobre transparência em armamentos que recomendava o estabelecimento de um registro de armas para divulgar as transferências de armas, na esperança de promover maior segurança e confiança nos esforços de desarmamento entre as nações. As sete categorias sob as quais o registro exigia que os relatórios classificassem as importações e exportações de armas convencionais formaram a base para o Arms Trade Treaty. De acordo com alguns Estados membros, o Registro das Nações Unidas foi concebido não como um fim em si, mas como um passo mínimo em direção a uma melhor regulamentação e restrição de transferências de armas. (Boivin, 2005)

As iniciativas implantadas entre as décadas de 80 e 90 mostram que a comunidade internacional considerava o comércio de armas convencionais uma questão séria de paz e segurança, no entanto isto não era suficiente para controlar efetivamente as consequências deste cenário (Anderson, 1992).

Mediante a relevância das transferências - lícitas e ilícitas - de armamentos leves, a Assembleia Geral da ONU adotou, em 1995, um instrumento internacional específico para este segmento de armamentos. (UNGA, 1995). A partir disso seguiu-se a adoção, em 2001, do Programa Internacional de Ação (PoA) para prevenir, combater e erradicar o Comércio Ilícito de Armas Pequenas e Leves (AGNU, 2001b). O PoA, que foi reconhecido pelo CSNU e pela Assembleia Geral da ONU, procurava travar a proliferação de armas leves ilegais, erradicando o comércio ilícito do segmento a nível nacional, regional e global. Continua a ser o principal acordo internacional para travar o tráfico e proliferação do segmento estudado neste trabalho.

Nos últimos dez anos, diversos instrumentos e relatórios foram desenvolvidos para a regulamentação das transferências de armamentos convencionais e o combate do comércio ilícito deste segmento. As iniciativas que precederam o Arms Trade Treaty foram: Declaração de Genebra (2008), Convenção sobre Cluster Munition (2010) e o Acordo de Oslo sobre Violência Armada (2013).

### **3.2 O Arms Trade Treaty**

As discussões para o Arms Trade Treaty (ATT) começaram na ONU em 2006, mas o acordo só foi adotado pela Assembleia Geral da ONU em abril de 2013 e desde 24 de dezembro de 2014, é o mais recente e abrangente complemento para o conjunto de medidas destinadas ao controle do comércio e a proliferação de armas convencionais. Desde sua criação, o ATT tornou-se um elemento central para os Estados no que tange a armamentos. O tratado complementa uma teia de instrumentos regionais e internacionais que foram criados previamente em discussões sobre o tema. Na época, muitos países expressaram opiniões divergentes quanto a esta característica, e alguns até contestaram como e por que o novo tratado deveria interagir com os instrumentos e ferramentas existentes.

A cooperação pretende criar uma norma global para o controle e monitoramento das transferências de armamentos. Sua importância reside no fato de ser o primeiro



instrumento internacional juridicamente vinculativo para estabelecer normas comuns para o comércio de armas convencionais, especialmente no que diz respeito aos critérios para as autorizações de exportação.

A complementaridade de diferentes instrumentos, e suas potenciais sinergias e benefícios conjuntos, tem sido discutida desde as primeiras negociações para o desenvolvimento da ATT. De fato, o conceito de interconexão entre os instrumentos e a possibilidade de existir uma sobreposição entre as ferramentas foram reconhecidos no Artigo 26:

“A implementação do tratado não prejudicará as obrigações assumidas pelos Estados partes no que se refere à futuros acordos internacionais, dos quais sejam partes, quando essas obrigações são consistentes com este Tratado”

Com isso, entende-se que o ATT não deve ser invocado como motivo para anular a cooperação em matéria de defesa (ATT, artigo 26, parágrafos 1, 2).

Em geral, o Tratado estabelece regras comuns para o comércio internacional de armas convencionais e busca reduzir o comércio ilícito de armas. Segundo suas normas, os sistemas nacionais de controle de armas e decisões relativas à transferência de armas devem respeitar os mais altos padrões comuns possíveis internacionalmente aceitos e contribuir para a paz e segurança internacional; o principal objetivo das proibições de transferências de armas e avaliações de risco das exportações é reduzir o sofrimento humano; e os Estados devem tomar medidas responsáveis na transferência e no controle das armas convencionais. Portanto, o Tratado alia a segurança internacional e a segurança humana nas decisões relacionadas à transferência de armas. (ATT, 2014)

A atuação do ATT não restringe diretamente o volume das transações, ou seja, ele não impõe restrições sobre os tipos ou quantidades de armas que podem ser compradas ou vendidas pelos estados. Além disso, dada a preocupação dos países signatários, as leis internas de controle de armas dos Estados não são afetadas pelo ATT, esta decisão cabe apenas a jurisdição do próprio país. (ATT, 2014)

O Tratado não faz referência a uma definição específica de “armas convencionais”, mas refere-se às sete categorias do Registro da ONU. Desde 2003, os

armamentos leves foram adicionados ao Registo como uma categoria opcional. O Artigo 2 especifica cada segmento em que o tratado é aplicado: tanques de batalha, veículos de combate blindados, sistemas de artilharia de grande calibre, aviões de combate, helicópteros de ataque, navios de guerra, mísseis e lançadores de mísseis, armas pequenas e leves. (ATT, 2014)

Essa regulação das transferências pode ajudar a transformar o formato operacional do comércio de armas, estabelecendo novos padrões globais e consagrando um rígido controle sobre o comércio através do direito internacional, mas ainda é necessário o desenvolvimento de mecanismos de punição jurídica para, de certa forma, legitimar o controle. Apesar do longo e bem-sucedido processo que levou à adoção do ATT, há um número de lacunas que precisarão ser resolvidas para ajudar os Estados a implementar alguns aspectos particulares do Tratado: faltam orientações úteis e documentos que expliquem como estabelecer e implementar controles efetivos sobre importação, trânsito e transbordo de armamentos. (GCSP, 2012)

Um ponto importante que ainda precisa ser desenvolvido pelo ATT é a expansão da sua abrangência no que tange a produtos da indústria de defesa; a regulamentação do comércio internacional de armas não deve se limitar a regular apenas transferências de armas convencionais, mas também aos seus itens como munições, partes e componentes - peças importantes para o mercado de armamentos. (GCSP, 2012)

#### **4 O Mercado de Armas Leves no Brasil**

O Brasil é o segundo maior produtor de armas leves do mundo. Na verdade, o Brasil é o terceiro maior exportador de armas leves do mundo e o maior fabricante da América Latina. A produção de armamentos do país é majoritariamente direcionada a exportação, mas parte da produção é direcionada às forças armadas. Atualmente existem cerca de 17,6 milhões de armas leves em circulação no país, sendo que 57% são ilegais. (Small Arms Survey, 2017)

Diferentemente de alguns países, o Brasil contém uma forte regulamentação ao porte de armamentos leves. Uma das ferramentas utilizadas para controlar o comércio interno desses produtos é o Estatuto do Desarmamento, que desde 2005 se faz presente como forma de contribuir para a redução da violência. Mas para um melhor entendimento do assunto, é necessário estabelecer a diferença entre a posse e o porte de armas.

A posse consiste em possuir uma arma de fogo dentro de sua residência ou do seu local de trabalho. Enquanto o porte, diz respeito a portar, transportar uma arma de fogo em locais públicos, fora da própria residência ou do estabelecimento comercial. Logo, conclui-se que o direito à posse não necessariamente dá direito ao porte. A posse é permitida a qualquer cidadão que esteja capacitado, de acordo com os requisitos estabelecidos pelo Estatuto, enquanto o porte é proibido, salvo em casos excepcionais, onde, por exemplo, o requerente apresente à Polícia Federal sua efetiva necessidade seja por exercício de atividade profissional de risco ou por excessivas ameaças à sua integridade física.

Em termos de consumo, o país apresenta uma média de 8 armas para cada 100 habitantes, colocando-o como sétimo país do mundo com maior número de armas nas mãos da população civil. Embora o número de armas em circulação e a taxa de homicídio não tenham diminuído, o Estatuto poupou 160 mil vidas, segundo o Mapa da Violência de 2015.

Tradicionalmente, o território brasileiro apresenta grande heterogeneidade quanto à posse de armas dentro dos Estados. Enquanto em grandes metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo, predominam as pistolas, em regiões agrárias como Roraima e Mato Grosso, os revólveres e fuzis são mais comuns. De acordo com o Small Arms Survey, quem tem a posse da maior parte dessas armas são criminosos ou indivíduos que compram os artefatos no mercado informal para uso privado

#### **4.1 Entendendo a Indústria de Armas Leves no Brasil**

A indústria brasileira de armamentos foi essencialmente um fenômeno do século XX, nascida em 1930 juntamente a estratégia de substituição de importações. Até a República Velha, a indústria de defesa brasileira dependia quase exclusivamente do bom desempenho da importação de armamentos da Europa e dos Estados Unidos. A produção brasileira de armas começou de fato com as forças armadas, que foram os principais mestros do desenvolvimento desta indústria no país (Magalhães, 2016).

A corte portuguesa mudou-se para o Rio de Janeiro fugindo das guerras napoleônicas e juntamente a ela surgiu a primeira fábrica de pólvora brasileira. No entanto, a necessidade de uma indústria de armas independente só chegou no final do

século 19, com a guerra contra o Paraguai, em 1870, e o estabelecimento de uma república através de um golpe militar, em 1889. Este sentimento agravou-se ainda mais durante a Primeira Guerra Mundial, uma vez que Europa e Estados Unidos, principais fornecedores do Brasil, precisaram fracionar o estoque de armamentos para suprir os conflitos da época. (Small Arms in Brasil, 2010)

Com isso, imigrantes europeus que habitaram as regiões sul e sudeste do Brasil desenvolveram as primeiras indústrias privadas de armamentos do país. No fim da década de 30, o país já tinha empresas como Boito, Rossi, CBC e Taurus, e sob o primeiro mandato do presidente Getúlio Vargas, o exército já tinha inaugurado as primeiras indústrias estatais de armamentos leves. (Small Arms in Brasil, 2010)

Além dos incentivos desenvolvimentistas da Era Vargas e do Governo de Juscelino Kubitschek, a época da ditadura militar e a sua pauta protecionista construíram sólidas bases para a economia diversa e exportadora que seria implantada no futuro. Ainda neste período, a indústria de defesa brasileira foi vista como um grande motor para o desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, econômico do país. (Small Arms in Brasil, 2010)

Além da busca pela autonomia na indústria de armamentos, desde a década de 1930 a política externa brasileira tem desenvolvido iniciativas para ressaltar e viabilizar o desenvolvimento da indústria nacional. Dessa forma, a política externa brasileira foi considerada uma das principais ferramentas para impulsionar o crescimento do país. Com isso, como citado anteriormente, as mudanças nos modelos de desenvolvimento econômico ocorridas no Brasil desde a Era Vargas foram acentuações muito importantes para o desenvolvimento da imagem internacional do país. Segundo Magalhães (2016):

“O esgotamento do modelo nacional-desenvolvimentista, nos anos 1990, foi acompanhado por importantes reestruturações para adequar o país ao contexto de um ambiente internacional globalizado e interdependente. Com efeito, as empresas brasileiras também viram-se na necessidade de redefinir suas estratégias e direcioná-las para o mercado global.”

Com isso, no ano de 2003, deu-se início a estratégia de internacionalização de empresas brasileiras dentro das pautas de política externa do país. Para Sennes, Mendes e Kohlmann (2009), a internacionalização das empresas brasileiras representa uma ferramenta de disseminação da presença internacional do país, que por sua vez resultou em mudanças na política externa e incentivo a relações bilaterais.

Utilizando uma análise mais comercial, entende-se que o processo de internacionalização das empresas brasileiras enfrenta uma desvantagem quanto a competitividade de mercado, uma vez que as empresas terão uma posição mais fraca frente a indústrias de países desenvolvidos. Com isso, a promoção de iniciativas de uma atuação conjunta Estado Empresa, via políticas públicas de apoio e política externa proativa, teve como propósito amenizar tais desvantagens competitivas. O resultado atual das exportações brasileiras confirma que estas estratégias tiveram efeitos bastantes positivos, e que a competição entre potências desenvolvidas e em desenvolvimento foi sobreposta pelo grande crescimento de países como Brasil e Turquia. (Small Arms Survey, 2017)

## **4.2 A Produção de Armas Leves no Brasil**

O Brasil é o maior produtor da América Latina de armas de pequeno porte e equipamento militar, e tem de longe uma produção mais diversificada do que qualquer outro país do continente, com exceção dos Estados Unidos. Sua indústria de armas leves é composta tanto por empresas privadas quanto por estatais, ambas as quais têm demonstrado iniciativas de expansão para mercados externos, assinando licenças de produção e acordos de joint venture, e mesmo criando sucursais no exterior (Small Arms in Brasil, 2010)

O Brasil tem duas empresas responsáveis por manter o Brasil há mais de dez anos entre os cinco maiores exportadores mundiais de armas leves: Forjas Taurus e IMBEL. Além destas grandes produtoras, o país ainda tem algumas empresas menos expressivas como Amadeo Rossi<sup>2</sup>, E.R. Amantino & Cia./Boito, Companhia de Explosivos Valparaíba (CEV) e Mekanika/Bilbao. Segundo o Ministério da Defesa, o

---

<sup>2</sup> Rossi vendeu a sua produção de armas de cano curto para a Taurus e, atualmente, produz apenas rifles e espingardas.

Brasil segue uma tendência ascendente, com a produção média dobrando de 400.000 para 800.000 unidades por ano nas últimas três décadas do século XX. Também está claro que a produção de revólveres é o grande motor do aumento da produção. Em geral, a produção brasileira de armas pequenas cresceu ao longo dos anos, particularmente durante o governo militar (1974-83), atingindo cerca de US\$ 100 milhões por ano. (Small Arms Survey, 2010)

Sob um ponto de vista econômico, a indústria de armas leves está inserida em um dos três setores de atividade econômica do país: a indústria (Small Arms Survey, 2012). A produção de armas leves está inserida dentro da divisão de máquinas e equipamentos, e a sua participação nunca ultrapassou a porcentagem de 1% do total produzido pelo país. Com um resultado estável desde 1996, entende-se que a indústria não sofreu com a criação do Estatuto do Desarmamento<sup>3</sup> e permanece representando uma parcela de 0,06% do setor industrial brasileiro.

#### **4.2.1 Forjas Taurus**

O grupo Forjas Taurus é, sem dúvida, a mais importante produtora de armamentos leves da América Latina e uma das principais fabricantes mundiais de armas de cano curto, com 24 modelos de revólver e 14 de pistolas. Fundada em 1939, a Taurus, sediada em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, é uma das empresas com longa tradição em exportação e grande inserção no mercado norte-americano. Com um quadro de 2.600 funcionários, vende para mais de 85 países, e nos últimos anos informa ter investido mais de R\$ 100 milhões em infraestrutura, gestão e desenvolvimento de produtos. A empresa é proprietária da Taurus Holding, que controla a TIMI - Taurus International Manufacturing, Inc., subsidiária da Taurus EUA.

A inserção da Taurus no mercado americano foi consolidada pela TIMI Taurus, que está localizada em Miami e é composta por uma unidade fabril que produz armas especificamente para a demanda norte-americana e serve de distribuidora para as armas fabricadas no Brasil. Em 1997, o grupo Taurus comprou os direitos de produção da Rossi, uma das pioneiras da indústria de defesa brasileira, e tornou-se a única fornecedora - privada - brasileira de revólveres e pistolas. Para enfrentar os parâmetros impostos pela

---

<sup>3</sup> Lei federal que tem como objetivo regulamentar o registro, posse e comercialização de armas de fogo e munições.

concorrência, a empresa, em 1990, resolveu diversificar sua produção para conter a ameaça da competição com as pistolas Glock 25 importadas para o mercado civil.

Em resposta a concorrência, a empresa desenvolveu armas com calibres novos, tais como o calibre 40, e adotou novas tecnologias, incluindo a produção de pistolas de titânico e polímero. Além das inovações, a empresa também utilizou de uma das principais características do mercado de armas - a segurança - e criou uma linha de armamentos confiáveis e de boa qualidade. Com a combinação destas estratégias, o Grupo Taurus conseguiu uma grande abertura para sua inserção ao mercado norte-americano.

A Taurus é uma empresa muito dependente do mercado externo, principalmente dos Estados Unidos. Em 2012, as exportações responderam por 59%, enquanto em 2013 e 2014, as exportações foram de 68% e 58%, respectivamente. Esses percentuais espelham a variação sofrida pela receita líquida com o mercado externo; os montantes foram R\$ 410 milhões, em 2012, R\$ 547 milhões, em 2013 e R\$ 310 milhões, em 2014. A empresa sofreu uma forte retração de -46% no mercado americano em 2014, mas ainda sim, o mercado norte-americano foi responsável por 90% de todas as vendas internacionais do grupo. (Demonstrações Financeiras Padronizadas da Forjas Taurus, 2014)

Dado esta dependência e a retração do mercado, a companhia tem diversificado sua produção em áreas relacionadas a indústria de armas de fogo tais como coletes a prova de bala, capacetes, blindagem para carros, ferramentas de mão e ferramentas para máquinas. Além disso, a empresa vem empregando incentivos a diversificação de seu mercado consumidor, principalmente para África e América Central.

#### **4.2.2 IMBEL**

A IMBEL é uma empresa pública dependente, com personalidade jurídica de direito privado, vinculada ao Ministério da Defesa por intermédio do Comando do Exército. Historicamente, a companhia foi criada juntamente a chegada da Família Real na Colônia ultramarina em 1808, evento que possibilitou o estabelecimento da primeira unidade fabril estratégica do Brasil, a Real Fábrica de Pólvora da Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio

de Janeiro.<sup>4</sup> A história foi marcada por uma constante demanda de modernização exigida pela dependência de importação de vários produtos.

Existem argumentos de que a empresa foi reestruturada como IMBEL em 1975 em decorrência do rompimento do acordo de Cooperação Militar Brasil-Estados Unidos pelo Governo Geisel. Dado o cenário, as fábricas militares do exército foram transferidas para a empresa estatal, e com isso, o setor de defesa, integrado com as demais empresas privadas da época, passou a ser uma atividade estratégica para o país, com uma tecnologia nacional em evolução, que permitiria ao Brasil tornar-se mais independente em produtos militares.

A companhia é constituída por cinco unidades de produção localizadas no Rio de Janeiro, Magé, Juiz de Fora, Itajubá e Piquete. A sede da empresa está instalada em Brasília e a sua produção inclui armas, munições, explosivos e outros itens e equipamentos importantes destinados às áreas de Defesa e Segurança.

Diferentemente da Taurus, a IMBEL não apresenta uma participação muito significante no mercado internacional de armas leves, tendo como principal cliente o exército brasileiro. Dos tímidos resultados de exportação da empresa, 90% das duas mil pistolas calibre 45 que a empresa exportou eram destinadas ao mercado norte-americano. Entre 1970 e 2012, 93% das exportações da IMBEL de armas leves tiveram como destino os Estados Unidos, seguidos pelo Paraguai, com 3% (Small Arms in Brazil, 2010)

### **4.3 A Exportação de Armas Leves do Brasil**

O Brasil é o 3º maior exportador de armas leves do mundo. Em um curto período de 7 anos, a exportação de armas no Brasil tem mostrado um crescimento consistente em termos de valor das transferências. Segundo a linha de tendência verde, estima-se que as exportações brasileiras de armas leves cresçam ainda mais nos próximos anos. Como podemos observar no Gráfico 1, as exportações de armas leves cresceram um share de 34,32% entre 2010 e 2017, passando de US\$ 312 milhões em 2010 para US\$ 475 milhões em 2017. (Small Arms Survey, 2017)

---

<sup>4</sup> Empresa que precedeu a criação da IMBEL.



**Gráfico 1 - Evolução das Exportações de Armas Leves do Brasil, em US\$ milhões, 2010 - 2017.**



Fonte: Gráfico de elaboração própria com base em NISAT.

Se observarmos a evolução das exportações de armas leves brasileiras pelas regiões do globo, na Tabela 2: Exportações de Armas Leves Brasileiras por Região, fica explícito que os norte-americanos recebem a maior parte das exportações brasileiras, cerca de 87,2% do escoamento de armas leves do país vão em direção a América do Norte. Em comparação, a América Latina e o Caribe, segunda região que mais demanda as exportações brasileiras, recebe cerca de 6,3% das exportações brasileiras para este segmento (NISAT).

**Tabela 1 - Exportações Brasileiras de Armas por Região, 2004 - 2013.**

Regiões Parceiras	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Leste Asiático & Pacífico	7.104	2.359	3.572	2.667	3.198	20.236	29.772	4.076	5.271	2.200
Europa & Ásia Central	750	721	1.553	1.997	1.581	1.207	1.824	1.944	1.744	2.598
América Latina e Caribe	3.269	4.227	4.773	7.766	6.217	5.537	7.048	12.178	12.366	10.965
Oriente Médio e Norte da África	711	1.875	502	1.953	5.152	506	193	977	2.741	555
América do Norte	46.652	45.424	62.594	99.176	101.624	157.431	134.554	126.414	142.735	151.080
Sudeste da Ásia	31	254	446	1.052	2.589	1.231	835	1.177	3.620	2.280
África Subsaariana	360	51	743	238	119	264	1.059	913	2.879	3.434
Mundo	58.877	54.910	74.185	114.848	120.479	186.411	175.285	147.678	171.356	173.112

Fonte: Tabela de elaboração própria com base em UNCONTRADE.

Além do mercado Norte Americano, que é de longe o maior comprador de armas leves do Brasil, outra região que se destaca é a América Latina e o Caribe, que em 2004 era responsável por pouco mais de US\$ 3 bilhões e chegou a valores superiores a US\$ 10 bilhões de dólares desde 2011, aonde chegou a representar mais de 8% das exportações brasileiras de armas leves. Ao observarmos a Tabela 3: Taxa de variação das Exportações Brasileiras de Armas Leves por Região, observamos também em alguns anos, taxas de crescimento exorbitantes, o que indica um acontecimento extraordinário e que aumentou a demanda por armas.

**Tabela 2 - Taxa de Variação das Exportações Brasileiras de Armas Leves por Região, em US\$ dólares, 2004 - 2013.**

Partner Region	2004-05	2005-06	2006-07	2007-08	2008-09	2009-10	2010-11	2011-12	2012-13
Leste Asiático & Pacífico	-67%	51%	-25%	20%	533%	47%	-86%	29%	-58%
Europa & Ásia Central	-4%	116%	29%	-21%	-24%	51%	7%	-10%	49%
América Latina e Caribe	29%	13%	63%	-20%	-11%	27%	73%	2%	-11%
Oriente Médio e Norte da África	164%	-73%	289%	164%	-90%	-62%	407%	181%	-80%
América do Norte	-3%	38%	58%	2%	55%	-15%	-6%	13%	6%
Sudeste da Ásia	710%	76%	136%	146%	-52%	-32%	41%	208%	-37%
África Subsaariana	-86%	1344%	-68%	-50%	121%	301%	-14%	215%	19%
Mundo	-7%	35%	55%	5%	55%	-6%	-16%	16%	1%

Fonte: Tabela de elaboração própria com base em UNCONTRADE.

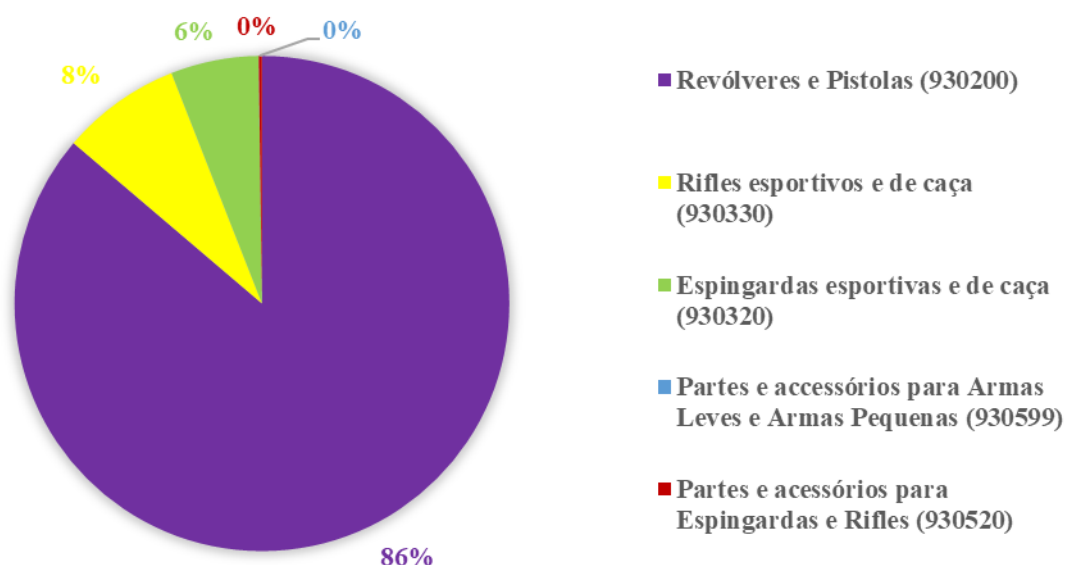
O primeiro pico nas taxas de crescimento que se destaca é o crescimento de 1344% da África Subsaariana de 2005 para 2006. Esse pico se deve principalmente a compra de US\$ 598 milhões pela Botswana de armas leves e US\$ 95 milhões pelo Senegal (UNCOMTRADE), mas o governo não forneceu dados sobre tipos de armamentos vendidos, usuários finais ou empresas envolvidas.

O pico de 533% no leste asiático se deve a emergência de um conflito entre Malásia e Filipinas. Os valores transacionados com estes países passaram de US\$ 1,98 bilhões em 2008 para US\$ 3,2 bilhões em 2009 por parte das Filipinas e de US\$ 4 milhões em 2008 para assustadores 15,13 bilhões em 2009 pela Malásia (UNCOMTRADE). Na próxima sessão desse artigo iremos desenvolver mais o papel do comércio brasileiro nesse conflito.

O terceiro pico de 407% no Oriente Médio e Norte da África está diretamente relacionado com a emergência da primavera Árabe. Justamente os três países que demonstram um considerável aumento na aquisição de armas leves brasileiras são o Líbano, a Tunísia e, a Jordânia, com valores que passam de 2010 para 2011 de US\$ 76 milhões para US\$ 261 milhões, de nada para US\$ 137 milhões e, de US\$ 21 milhões para US\$ 453 milhões, respectivamente (UNCOMTRADE).

Em termos de variedades de tipos de armamentos, existe uma categoria de armas leves que se destaca nas exportações do Brasil: Revólveres e Pistolas. Embora os Rifles e Espingardas tenham valores significantes para as transferências brasileiras, atualmente, os Revólveres e Pistolas dominam as exportações totais de Armas Leves do Brasil, contabilizando um montante de US\$ 105 milhões (NISAT)

**Gráfico 2 - Variedade das Exportações de Armas Leves, em 2016.**

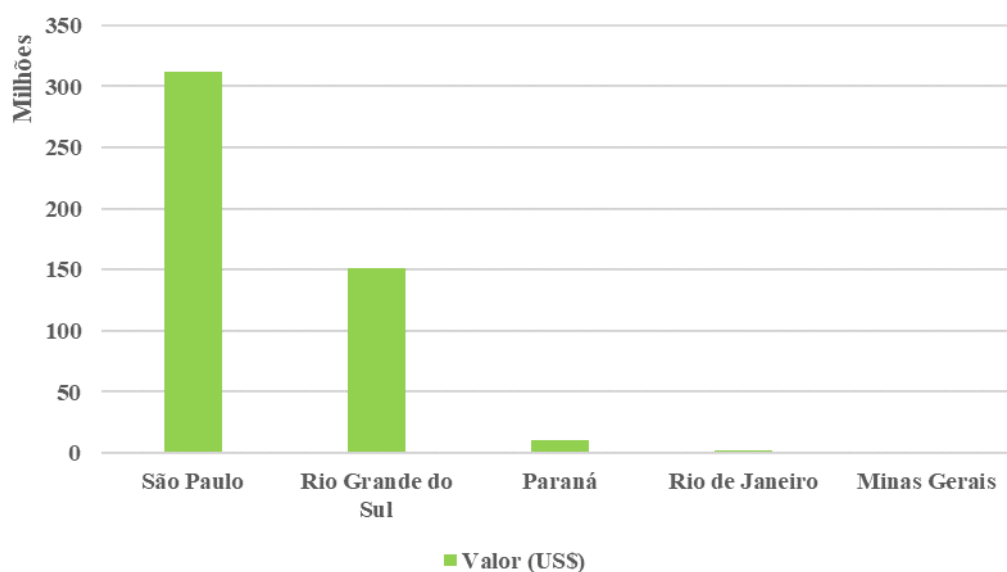


Fonte: Gráfico de elaboração própria com base em NISAT.

As principais unidades federativas responsáveis pelo escoamento são, respectivamente, São Paulo, Rio Grande de Sul, Paraná, Rio de Janeiro e Minas Gerais. São Paulo é responsável por um montante de US\$ 312 milhões, enquanto Rio Grande do Sul apresentou um resultado de US\$ 150 milhões em 2017. Os últimos três estamos

tiveram participações bem tímidas nas exportações de armamentos leves, com US\$ 10 milhões, US\$ 1,7 milhões e US\$ 12 mil, respectivamente. São Paulo e Rio Grande do Sul apresentam resultados mais expressivos devido a instalação das fabricas da Taurus Forjas e da IMBEL nestes estados.

**Gráfico 3 - Principais Unidades Federativas Brasileiras Exportadoras de Armas Leves**



Fonte: Gráfico de elaboração própria com base em Aliceweb.

Em termos globais, o Brasil ainda é considerado um exportador de tamanho médio de armamentos convencionais, mas para o mercado de armas leves, o país é absolutamente dominante em sua região, quase dez vezes o tamanho de sua principal concorrente. O domínio do Brasil ganha ainda mais força pois uma porção considerável das exportações do Chile são compostas de submetralhadoras feitas em parceria com a Taurus, que a principal produtora de armamentos leves do Brasil. (Small Arms in Brazil, 2010)

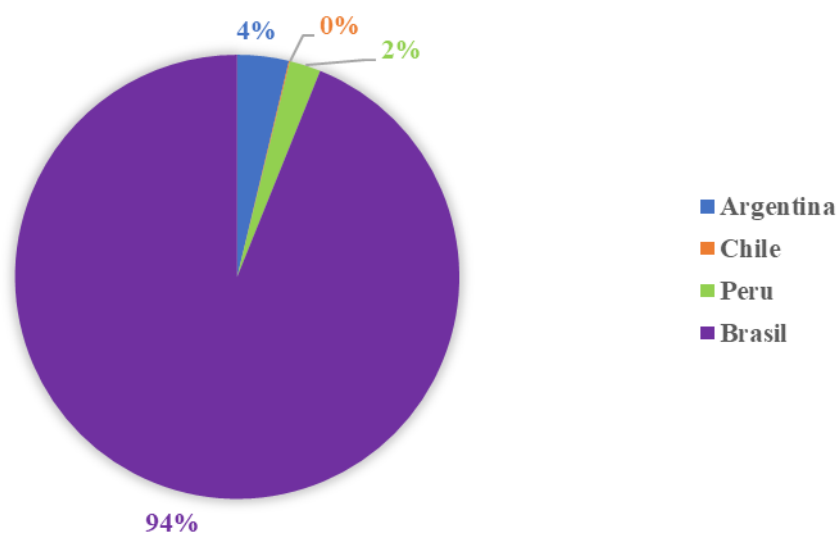
A Argentina, segundo maior país da América do Sul<sup>5</sup>, com um PIB de US\$ 484 bilhões<sup>6</sup>, exportou um montante de US\$ 13,5 milhões, um baixo desempenho comparado

<sup>5</sup> Em termos de PIB.

<sup>6</sup> Dados de 2013 - FMI

a outros produtos da pauta exportadora do país. Em comparação, o Peru, país menos economicamente que Chile, Argentina e Colômbia, exportou US\$ 8 milhões, enquanto o Chile apresentou apenas US\$ 287 mil em exportação de armas leves.

**Gráfico 4 - América do Sul: Porcentagem das Exportações de Armas Leves (2016).**



Fonte: Gráfico de elaboração própria com base em NISAT.

## **5 - O Mercado Internacional de Armas Leves e a Indústria de Defesa dos Principais Exportadores.**

### **5.1 Características da Produção Mundial de Armamentos Leves**

A produção de armas leves é um dos grandes e crescentes negócios da atualidade - pelo menos em termos do número de países que as produzem. Segundo o Small Arms Survey de 2001, os armamentos leves são produzidos legalmente em mais de 600 empresas em pelo menos 95 países em todo o mundo. A indústria de armas leves é o setor mais amplamente distribuído da indústria global de defesa. Embora seu tamanho absoluto, em termos de capacidade, tenha diminuído nos últimos anos, o número de atores, tanto empresas quanto países, que fabricam armas de pequeno porte, aumentaram desde o final da Guerra Fria. Além disso, a maior parte da produção ocorre agora em

empresas privadas, reduzindo assim a capacidade dos governos de controlar a fabricação, posse e o comércio deste segmento de armas.

Sob um ponto de vista econômico, o protagonismo das empresas privadas neste mercado surgiu juntamente com iniciativas de aumento dos faturamentos e diversificação da agenda de clientes, que, por sua vez, reduziu a dependência das aquisições realizadas pelos Estados. Por outro lado, sob a ótica dos governos, as exportações, ao permitirem a ampliação da escala de produção das empresas, podem reduzir os custos de suas próprias aquisições de armas, em função tanto de economias de escala como de economias do aprendizado: em diversos países, as exportações são essenciais para que se alcance escala de produção capaz de manter a viabilidade econômica das empresas. Se os Estados desejarem ser autossuficientes no fornecimento de equipamentos militares, a ausência de exportações poderia ainda demandar amplos subsídios para que as estatais se mantivessem sustentáveis, o que poderia representar grande fardo para o país (Moraes, 2012).

Ainda do ponto de vista estatal, maiores exportações contribuem para a elevação da arrecadação de tributos, a ampliação do ingresso de divisas e, de forma geral, a expansão da economia nacional. Segundo Rodrigo Moraes (2012), as exportações são essenciais à manutenção da viabilidade das indústrias de defesa. Sem atingirem o mercado externo, diversos países apenas manteriam indústrias em funcionamento mediante as vendas de produtos com alto custo unitário e/ou por meio do recebimento de subsídios do Estado. Dado este cenário, o número de empresas produtoras de armas leves aumentou copiosamente, e as estratégias de internacionalização deste setor foram desenvolvidas através das exportações e importações desses produtos.

O boom do mercado de armas leves, o desenvolvimento da fragmentação da produção e o fenômeno das cadeias globais de valor tornaram muito difícil quantificar o total de empresas produtoras de armas leves, uma vez que existe a dificuldade de distinguir quais são produtores finais que de fato vendem produtos finais, por exemplo, rifles, e o que são compradores e produtores intermediários, ou seja, empresas que produzem peças ou componentes que serão vendidas pelos produtores finais. Além disso, as armas leves são frequentemente produzidas em diferentes divisões, organizando-se em empresas subsidiárias ou fábricas que fazem parte de uma empresa maior. Assim, o número total de produtores finais deverá ser muito inferior ao número total de produtores, incluindo produtores intermediários (Small Arms Survey, 2011).

O mercado competitivo de armamentos leves atual é bem pulverizado e difere bastante da conjuntura existente no século XX. Durante a Guerra Fria, o mercado global de armas pequenas foi dominado pelos soviéticos e os EUA, deixando alguns países europeus como Bélgica e Alemanha bem atrasados na disputa pela liderança deste mercado. Desde meados da década de 1990, o mercado tornou-se muito mais fragmentado e, portanto, competitivo. Ainda que Estados Unidos e Rússia mantivessem seu protagonismo, o restante do mercado global tornou-se muito aquecido e contestado por um certo número de países europeus desenvolvidos, bem como alguns países em desenvolvimento como Brasil, China, Índia, Israel, Paquistão, Singapura, África do Sul e Taiwan (International Defence Review, 1 de outubro de 2000).

A lista de países em desenvolvimento insurgentes engloba, principalmente, a Ásia, que inseriu o maior número de países, seguida por África e América do Sul, que apresenta uma tímida participação neste mercado, sendo a produção e exportação deste segmento majoritariamente concentrada no Brasil. Ainda que não estejam na lista principal, pelo menos nove países da América do Sul - além do Brasil - produzem armas leves para seu mercado doméstico. No que tange ao mercado corporativo, pode-se dizer que a maior parte da produção de armamentos leves sul-americanos é feita por empresas estatais, sendo que grande parte dos produtos são fabricados sob licença de grandes empresas europeias.

Apesar das mudanças no tamanho e na estrutura da indústria global de armamentos leves que ocorreram em nas últimas décadas, este mercado - mesmo que pulverizado - ainda é dominado por países como Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Alemanha, Índia, Itália, Coreia do Norte, Paquistão, Rússia, Suíça, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos. As indústrias produtoras de armas leves desses países podem ser estatais ou privadas - ou uma combinação das duas. Elas geralmente desenvolvem uma combinação de armas pequenas baseadas em cartuchos como revólveres, espingardas, rifles de assalto, metralhadoras e metralhadoras pesadas, e armas leves - não baseadas em cartuchos - como lançadores de granadas portáteis e granadas de rifle, armas antitanques portáteis, além de munições. Muitas dessas empresas também produzem e exportam armas de fogo para os mercados civis, ou seja, para uma demanda mais concentrada em defesa pessoal e a prática esportiva. (Bevan, 2005)

Grande parte dos principais países produtores de armamentos leves são também os principais países exportadores. Alguns países, como Índia, Paquistão e Coreia do

Norte, também possuem capacidades substanciais de produção industrial de armas pequenas para acomodar mercados internos consideráveis. Dessa forma, este ranking dos principais países produtores inclui também todos os principais exportadores, isto é, atores que contabilizam US\$ 100 milhões ou mais em um único ano, bem como vários países com capacidades industriais significativas que atendem às necessidades de seu mercado doméstico.

### **5.1.1 A Importância da Tecnologia para o Mercado de Armas Leves**

A tecnologia necessária para produzir armas pequenas é relativamente madura e há poucos obstáculos para a entrada de novas empresas neste mercado. Isso significa que, desde o fim da Guerra Fria, um número crescente de países incluindo os países em desenvolvimento, conseguiram estabelecer sua própria produção doméstica e suas capacidades tecnológicas com relativa facilidade. De certa forma, este desenvolvimento teve um impacto negativo para as indústrias de armas leves de países desenvolvidos como Rússia, EUA e Europa, pois um maior número de produtores desencadeia uma maior competição para este mercado. O atual ranking de principais exportadores espelha a entrada de atores em desenvolvimento no mercado de armas leves. O Brasil, por exemplo, é um país sul-americano e em desenvolvimento, mas representa o quarto maior exportador de armas leves, segundo dados do Small Arms Survey. (McDonald, 2015)

A produção licenciada é uma característica importante da indústria global de armas pequenas que vem ocorrendo desde a década de 1960. Em muitos países, particularmente os países em desenvolvimento, a produção legal de armas de pequeno porte envolve a produção licenciada de armas estrangeiras. Segundo dados do Small Arms Survey de 2001, empresas como FN Herstal, da Bélgica e Heckler & Koch, da Alemanha e do Reino Unido, estão entre os mais importantes licenciadores de armas pequenas do mundo e seus produtos são produzidos sob licença em um número grande e crescente de países. (Sulashvili, 2007)

Alguns países, como a China e Croácia, surgiram como plagiarias extremamente sofisticadas de vários produtos do segmento de armamentos leves, e começaram a produzir cópias muito boas de produtos existentes, em vez de licenciar produtos de outras indústrias. De acordo com estudos de Sanders (1990), US Office of Technology Assessment (1991), Klare and Andersen (1996), and Keller (1995), houve um grande



aumento do licenciamento da produção do mercado de defesa, incluindo armas pequenas, nos países em desenvolvimento. Visto este movimento, de 1960 a 1999, pelo menos 14 países estabeleceram acordos para o licenciamento da produção de armas pequenas com cerca de 46 países (Abel, 2000, p. 88).

## 5.2 – Análise sobre às Exportações de Armamentos Leves.

Esta seção apresenta valores e análises sobre o fluxo de exportação legal de armamentos leves, mobilizando dados de fontes como Small Arms Survey, UNCONTRADE<sup>7</sup> e NISAT<sup>8</sup>. Os valores indicam que os principais exportadores concentram quase 99% do comércio internacional legal de armas leves, e que as transações deste setor contabilizaram cerca de US\$ 6 bilhões em 2014. Este resultado representa um aumento de 4% sobre o valor estimado do comércio de armamentos leves - US\$ 5,8 bilhões - para o ano de 2013.

Segundo o Small Arms Survey, realizado em 2012, o comércio legal de armas leves contabilizou 38 países que exportaram mais de 10 milhões de dólares e posicionaram-se como grandes atores neste setor. Estados Unidos, Itália, Alemanha, Brasil, Áustria e Rússia, estão nas principais colocações do ranking de principais exportadores, uma vez que transacionaram mais de US\$ 100 milhões somente no ano de 2012.

**Tabela 3: Os 10 maiores exportadores de armas pequenas e leves (2012)**

Exportadores	US\$ (em milhões)	Tipo de armas pequenas e leves exportadas por valor decrescente
EUA	935	Munições para armas pequenas, armas de fogo militares, espingardas esportiva e de caça, revólveres e pistolas, lançadores de foguetes e granadas, partes e acessórios de espingardas e rifles, cartucho de espingardas, partes e acessórios para espingardas e rifles, cartuchos de espingarda, peças e acessórios para revólveres e pistola.

<sup>7</sup> International Trade Statistics Database

<sup>8</sup> Norwegian Initiative on Small Arms Transfers

<b>Itália</b>	544	Espingardas esportivas e de caça, revólveres e pistolas, cartuchos de espingarda, peças e acessórios de revólveres e pistolas, peças e acessórios de espingardas e rifles, munição para armas pequenas, armas de fogo militares.
<b>Alemanha</b>	472	Munições para armas pequenas, revólveres e pistolas, rifles esportivos e de caça, peças e acessórios de espingardas e rifles, espingardas esportivas e de caça, armas de fogo militares, lançadores de foguetes e granadas, peças e acessórios de revólveres e pistolas, cartuchos de espingarda.
<b>Brasil</b>	374	Revólveres e pistolas, cartuchos de espingarda, munições para armas pequenas, rifles para caça e esporte, espingardas esportivas e de caça, partes e acessórios de pistolas e revólveres.
<b>Áustria</b>	293	Revólveres e pistolas, partes e acessórios de revólveres e pistolas, rifles esportivos e de caça, partes e acessórios para espingardas e rifles.
<b>Coréia do Sul</b>	275	Munições para armas pequenas, cartucho de espingardas, peças e acessórios de revólveres e pistolas, armas de fogo militares.
<b>Rússia</b>	181	Munições para armas pequenas, espingardas esportiva e de caça, rifles esportivos e de caça, cartucho de espingardas, armas de fogo militares, revólveres e pistolas.
<b>China</b>	150	Armas de fogo militares, cartuchos de espingarda, peças e acessórios de espingardas e rifles, espingardas esportivas e de caça, munições para armas pequenas, revólveres e pistolas, rifle esportivo e de caça, lançadores de foguetes e granadas.
<b>Bélgica</b>	140	Rifles esportivos e de caça, partes e acessórios de revólveres e pistolas, partes e acessórios de espingardas e rifles.
<b>República Tcheca</b>	136	Munições para armas pequenas, revólveres e pistolas, rifles esportivos e de caça, peças e acessórios de revólveres e pistolas, cartuchos de espingarda, peças e acessórios de espingardas e rifles, espingardas esportivas e de caça.
<b>Turquia</b>	132	Espingardas esportiva e de caça, revólveres e pistolas, peças e acessórios para espingardas e rifles, cartucho de espingardas.

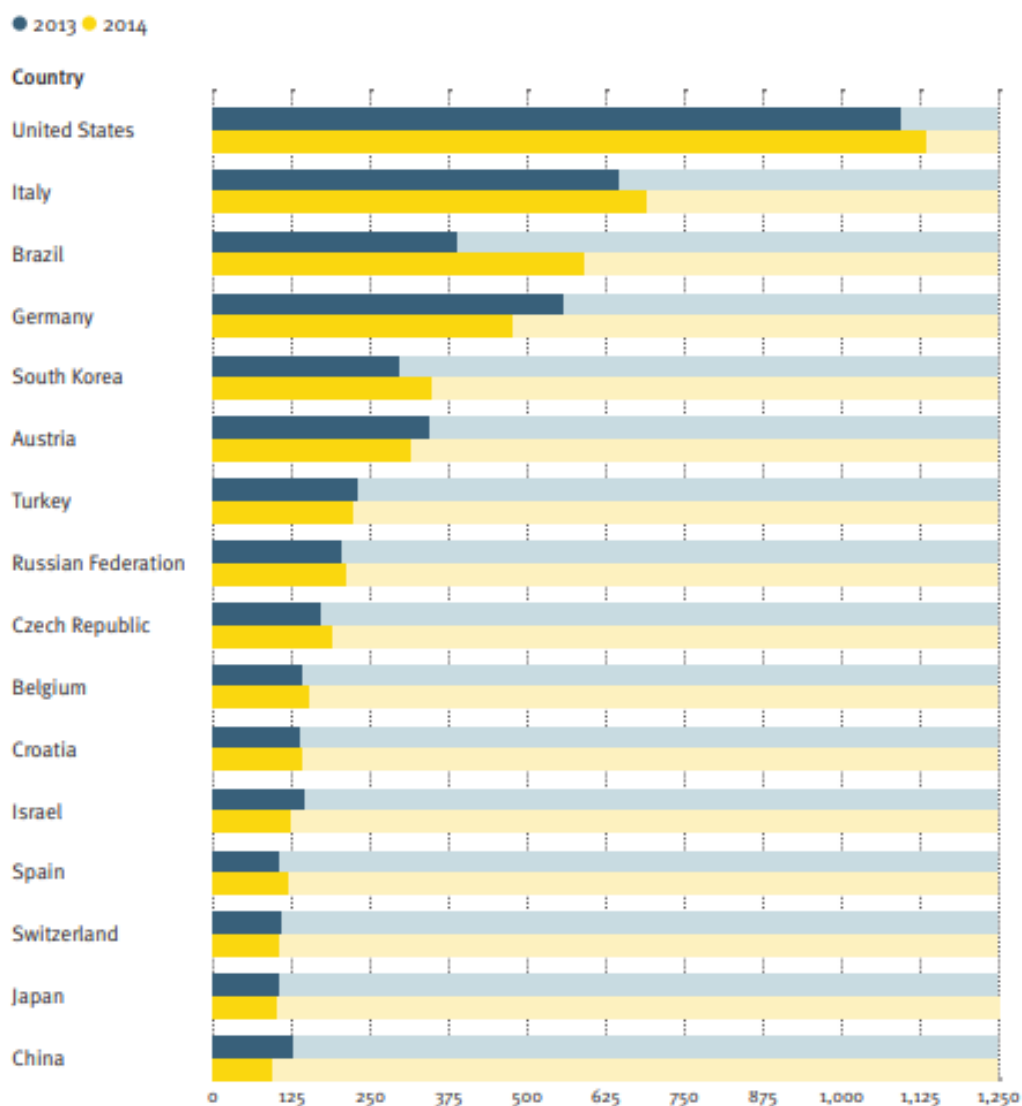
Fonte: Tabela de elaboração própria com base em NISAT.

Em geral, nota-se que Estados Unidos e Itália ocupam um papel de muita relevância para o comércio internacional de armas leves, pois movimentaram, individualmente, mais 500 milhões de dólares neste mercado no ano analisado. Brasil e Alemanha também são considerados grandes atores, no entanto encontram-se no grupo de países que exportam, individualmente, entre 100 e 450 milhões de dólares. Dos 38 países listados no ranking apenas 13 países foram classificados como principais exportadores de armamentos leves em 2012, um número menor que o ano anterior.

Destaca-se a inserção de Brasil e Turquia no ranking de principais exportadores de armas leves, uma vez que ambos são países que ainda estão em desenvolvimento e passam por algumas tensões internas derivadas de conflitos e criminalidade. As exportações turcas têm crescido constantemente desde 2011, quando o governo decidiu "nacionalizar" as produtoras de armamentos e a diversificar a sua produção, incluindo o desenvolvimento de helicópteros, drones, tanques, mísseis e jatos. Seguindo a performance positiva das exportações de defesa, o governo turco lançou uma campanha agressiva para impulsionar as exportações da indústria local para novos e existentes mercados (Defense News, 2017).

Em geral, o ano de 2014 trouxe resultados ainda mais otimistas. Segundo o Small Arms Survey de 2014, entre os anos de 2013 e 2014, o ranking de principais exportadores de armamentos aumentou de 40 para 42 países, sendo que os 15 principais atores representaram 80% - US\$ 4,9 bilhões - do valor transacionado da época. Nesta mesma lógica, os três líderes do ranking contabilizaram 40% das transferências de armas leves: Estados Unidos exportaram US\$ 1,1 bilhões, Itália exportou US\$ 689 milhões, e o Brasil exportou US\$ 591 milhões.

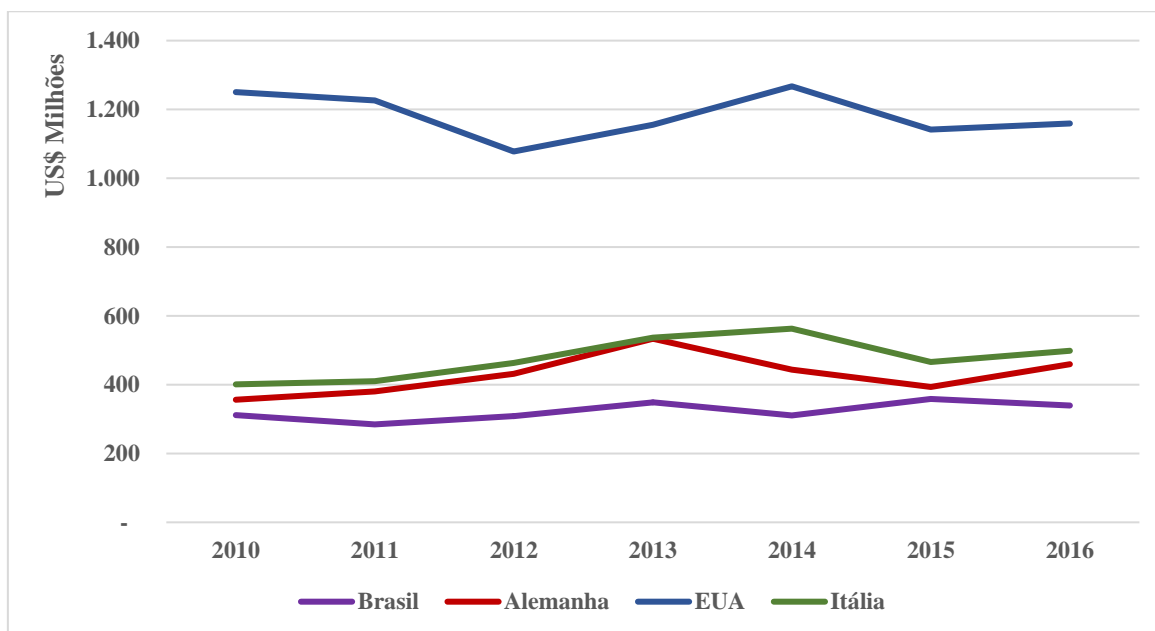
**Figura 1 - Comparação dos Valores de Exportação de Armas Leves dos Principais Países, 2013 - 2014, em US\$.**



Fonte: Small Arms Survey 2012

Como foi desenvolvido na seção 2.1, um dos aspectos mais importantes para o aumento das exportações de armamentos leves diz respeito ao aumento do número de fornecedores neste segmento. Durante o final dos anos 80 e início dos anos 90, alguns atores como Estados Unidos, ex-URSS, Reino Unido e Alemanha dominavam o mercado produtivo de armamentos, o que, por sua vez, concentrava muito às exportações do setor. Mais recentemente, outros atores ganharam espaço e tornaram-se peças essenciais do comércio internacional de armamentos. (MAGALHÃES, 2000)

**Gráfico 5 – Os quatro maiores exportadores de armamentos leves, em US\$, 2010-2016**



Fonte: Gráfico de elaboração própria com base em NISAT

Nas seções seguintes, analisa-se o papel das exportações e as indústrias de defesa dos três países que, nos últimos anos, foram os maiores concorrentes do Brasil na exportação e produção de armas leves: Itália, Alemanha e Estados Unidos. Além disso, para um melhor entendimento do mercado de armamentos leves em cada um desses países, será desenvolvida uma breve análise das indústrias bélicas desses países.

#### 4.1 – Itália

Desde o fim do século XX, a indústria de defesa italiana tem passado por diversas transformações, principalmente no que tange ao desenvolvimento da indústria desse setor. O período pós-guerra fria foi marcado pela diminuição dos investimentos em defesa por parte dos países europeus e, conseqüentemente, pela intensificação das iniciativas de cooperação transnacional neste setor (Global Security - Military Industry)

Durante este período, a Itália passou a depender majoritariamente de programas de cooperação internacional para desenvolver a sua indústria de defesa. Os EUA, que já era um ator relevante neste setor, foi o principal parceiro comercial dos italianos. Igualmente aos alemães, a Itália, no período do pós-guerra, rearmou-se com a importação de armamentos americanos e depois seguiu em frente na década de 1960 com o licenciamento de projetos de armamentos americanos para construir a sua própria

indústria bélica. Contudo, a nova fase de formulação de parcerias impulsionou a criação de uma indústria bélica italiana intensiva em armamentos de alto valor agregado, tornando-os essenciais para sustentar sua base industrial e tecnológica.

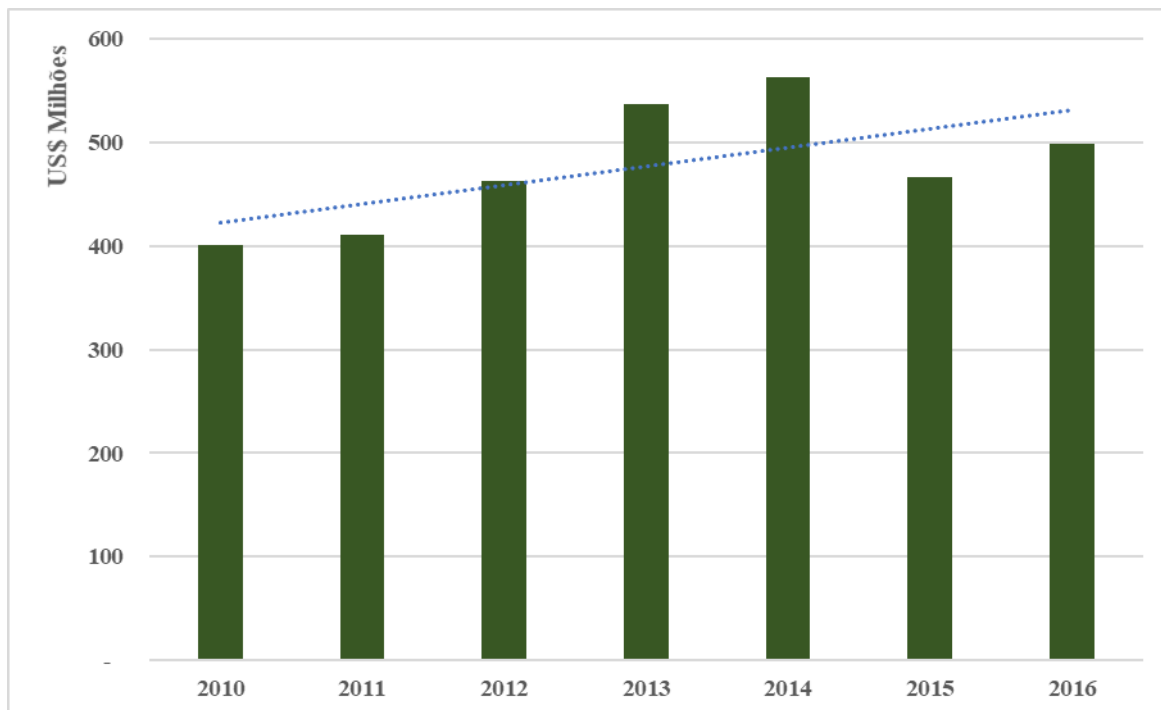
Em 1990, a Itália tornou-se o quarto maior mercado de defesa, com um montante de vendas de US\$ 4,5 bilhões, 8000 indústrias – 200 empresas relevantes para o mercado internacional -, e uma geração expressiva de empregos para o país – média de 80,000 funcionários. O país sofreu com o declínio das exportações do setor em 1980 e a ameaça de diminuição do investimento na defesa nacional, o que, por sua vez, estimulou pressões para a consolidação da indústria nacional. Além disso, o baixo nível de financiamento de pesquisa - Apenas 1,5% do PIB italiano eram investidos em inovação - no país também impulsionou à consolidação de maneira a reduzir a duplicação de pesquisa e financiar projetos de alto custo. (Global Security - Arms Exports)

O perfil de exportador bélico do país declinou entre os anos de 1985 e 2000, como consequência de três fatores: Regulação sobre as exportações de armamentos, declínio da demanda global e adaptação às novas condições de segurança internacional.

Impulsionada por iniciativas políticas para a retirada de forças navais italianas do Iraque, a lei regulatória de defesa (nº 185) foi criada em 1990. Esta regulação contém muitas ambiguidades e um complexo conjunto de procedimentos de aprovação e relato. Os quatro anos de espera que antecederam a aprovação da lei também criaram um período de transição que limitou as atividades internacionais da indústria de defesa italiana. (SIPRI, 2017)

O segundo fator do declínio da exportação de armamentos da Itália foi a diminuição da demanda global por bens deste setor, somada às mudanças das indústrias de defesa internacionais e dos mercados globais, que passaram a seguir uma era de fortes concorrências internacionais. Dessa maneira, a indústria italiana não estava preparada para adaptar-se a esta nova era do mercado internacional de armamentos e, além disso, era a indústria de defesa mais fraca de todo o continente europeu. (Global Security - Military Industry Structure)

#### **Gráfico 6 – Evolução das exportações de armamentos da Itália, em US\$, 2010-2016**



Fonte: Gráfico de elaboração própria com fonte em NISAT

Trazendo uma análise mais atual, pode-se ver que as exportações italianas de armamentos leves aumentaram significativamente entre 2010 e 2014, devido aos vários programas de desenvolvimento e cooperação em que o país foi inserido. Além disso, a indústria de defesa italiana colaborou com vários fabricantes para a diversificação da produção de peças, aumentando assim a sua exportação após a recessão. O resultado dessas parcerias foi sétima colocação do país no ranking de principais exportadores de armas entre 2010 e 2011 (NISAT)

Como podemos observar no Gráfico II, as exportações de armas leves mais do que duplicaram entre 2011 e 2012, passando de US\$ 700 milhões em 2011 para US\$1,6 bilhões em 2012. Destacamos no gráfico a evolução das exportações de armas leves nos últimos 8 anos, mobilizando dados até o último ano disponível pelo UNCONTRADE.

A tabela 1 apresenta as grandes protagonistas destes resultados: As produtoras italianas. A Itália tem três principais empresas produtoras de armamentos e munições, sendo a Beretta Holding SpA companhia mais famosa do país. (Small Arms Survey, 2012)

#### **Tabela 4 - Principais produtoras de armamentos leves da Itália.**

<b>Empresas</b>	<b>Produtos</b>
Beretta Holding SpA	Armas leves e pequenas, munição para armas pequenas
Finmeccanica SpA	Armas leves e munição
Fiocchi Munizioni SpA	Munição para armas pequenas

Fonte: Tabela de elaboração própria com base em Small Arms Survey.

## 5.2 – Alemanha

A pauta de segurança foi, sem dúvida, um dos assuntos mais delicados que a Alemanha teve de trabalhar no último século. Entendia-se que devido à história do país como uma nação expansionista, a justificativa para uma indústria nacional de armamentos na República Federal da Alemanha era muito menos clara.

De acordo com o Protocolo III do Tratado de Paris de outubro de 1954, a Alemanha Ocidental assumiu a obrigação de não produzir em seu território armas nucleares, químicas e bacteriológicas, mísseis de longo alcance e aeronaves estratégicas. Além disso, o Artigo 2 do Protocolo III do Tratado de Paris geralmente previa uma listagem de todas as restrições que o país iria sofrer no setor de produção de armas e equipamentos militares em referência às necessidades da OTAN.

Depois de 1958, a República Federativa da Alemanha comprou alguns armamentos americanos, que continham tecnologias mais avançadas para a época. Motivada pelo avanço americano, a Alemanha começou a desenvolver sua indústria bélica, ganhando acesso à tecnologia militar moderna através de dezenas de empresas militares americanas que foram abertas no país.

A capacidade da Alemanha de produzir suas próprias armas e equipamentos militares cresceu simultaneamente com o desenvolvimento da Bundeswehr, as forças armadas alemãs. No final da década de 60, a produção de armamentos para a Bundeswehr transferiu-se de vez para as empresas de armamentos nacionais. Enquanto em 1957, o número de armamentos importados pelo Ministério da Defesa da Alemanha



excedia 60%, em 1969, este número caiu para 20%, com um aumento no volume de demanda por armamentos de 3,3 bilhões de marcos para 9,2 bilhões de marcos alemães.

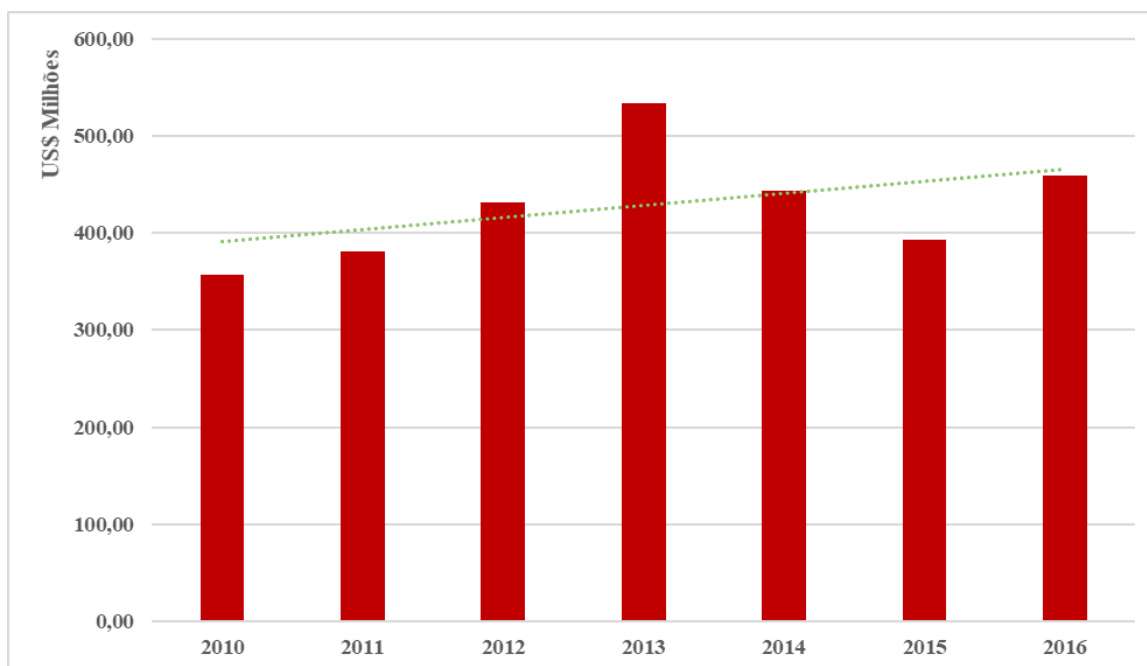
Segundo Magalhães (2012), o aspecto econômico do comércio de armas alemão ganhou relevância a partir dos anos 1970, quando integrantes da indústria bélica alemã passaram a exercer pressão sobre o governo em relação ao tema, enfatizando os benefícios econômicos das exportações e as consequências negativas que as restrições às vendas poderiam causar sobre o desenvolvimento da indústria bélica nacional. Ao mesmo tempo, esta indústria vinha em processo de ascensão, o que fortalecia as demandas de seus integrantes/representantes. Os controles governamentais foram, então, flexibilizados: i) aboliu-se o poder de veto nas vendas das armas produzidas em parceria com outros países; ii) o conceito de “áreas de tensão” foi retirado das políticas relacionadas às restrições de exportações de armas; e iii) passou-se a permitir que Estados asiáticos adquirissem armas do país.

Por uma questão de política, a produção de armas alemães estava confinada ao setor privado. Não existem companhias de armamentos operadas pelo governo, e a maioria das empresas envolvidas na fabricação de armas estava predominantemente engajada na produção industrial civil. O setor privado responde por 85% de toda a pesquisa e desenvolvimento militar, aquisição e manutenção das peças. No entanto, a produção de defesa representa não mais do que 3,4% do valor total da produção das indústrias de processamento do país. Embora cerca de 225.000 pessoas trabalhem em contratos de defesa, esse grupo constitui menos de 1% da força de trabalho. (Military Equipment Export Report, 2016)

No total, apenas sete empresas alemãs entraram no ranking das 100 maiores empresas produtoras de armas em 1990. É interessante notar que dessas 100 empresas, 47 eram americanas, ilustrando a superioridade que os americanos já exibiam no final do século XX. (Small Arms Survey, 2012)

Dado o panorama histórico da indústria bélica alemã, pode-se entender o funcionamento do mercado atual de armamentos alemão e as heranças que foram deixadas do tempo passado do país. O gráfico 1 faz uma análise sobre a evolução das exportações de armamentos leves da Alemanha, utilizando a primeira década do século XXI como período base do estudo.

**Gráfico 7 – Evolução das Exportações de armamentos da Alemanha, em US\$, 2010-2016.**



Fonte: Gráfico de elaboração própria com base em NISAT

A Alemanha apresenta valores aquém da média do período no ano de 2010, mas logo sofre uma recuperação até o ano de 2012. No ano de 2013, o país volta a sofrer uma expressiva queda, perdendo mais da metade do valor de exportação de armas leves. Os dois anos seguintes mostraram uma intensa recuperação do país, que atingiu o ápice de seu valor de exportação em 2014, contabilizando cerca de US\$ 2,8 bilhões. (NISAT)

Entre as maiores empresas produtoras de armamentos leves estão a J.G. ANSCHÜTZ GmbH & Co. KG, Diehl Stiftung GmbH, Heckler & Koch GmbH, L & O-Holding, PW Group e Rheinmetall AG. A tabela 2 faz uma relação entre as principais empresas alemãs produtoras de armamentos e os segmentos que produzem. (Small Arms Survey, 2012)

**Tabela 5 - Principais produtoras de armamentos leves da Alemanha.**

<b>Empresas</b>	<b>Produtos</b>

J.G. ANSCHÜTZ GmbH & Co. KG	Armas pequenas
Diehl Stiftung GmbH	Armas leves e munição
Heckler & Koch GmbH	Armas leves e munição
L & O-Holdinge	Armas leves e pequenas
PW Group	Armas pequenas
Rheinmetall AG	Munição menos letal, armas leves e munição, armas pequenas e munição.

Fonte: Tabela de elaboração própria com base em Small Arms Survey

### 5.3 – Estados Unidos

O mercado de armamentos leves dos EUA passou por dois momentos em sua história: o período anterior ao atentado de 11 de setembro e o período depois do atentado. Uma tendência evidente após esse momento de transição foi a maior liberalização das vendas de armas e proteção da privacidade de proprietários de armas individuais, o que impulsionou o aumento da demanda pela posse de armamentos leves (Lumpe, 1997)

Os americanos são os maiores consumidores mundiais de armas pequenas e apresentam um share de mercado bastante expressivo frente aos seus competidores. Dada a alta demanda, o país tornou-se o principal fabricante e inovador de armas de fogo civis e militares no mundo, e o maior exportador de armas de pequeno porte em termos de valor e quantidade. (Seattle Times, 2014)

A razão dessa prosperidade está nos manuais de economia clássica. isto é, a indústria bélica dos Estados Unidos tem um mercado consumidor bem definido, que aumenta suas compras a cada ano e se comporta com extrema fidelidade. É o Departamento de Defesa do país. Isoladamente, o Pentágono é responsável por 75% desse faturamento e, para os próximos cinco anos, vai gastar mais 60 bilhões com um único programa (Brauer, 2013).

O grande momento da indústria bélica americana foi a Segunda Guerra Mundial. Foi a partir dali que empresas até então civis passaram a produzir para o setor. Depois que o conflito terminou, algumas retornaram às suas atividades pré-guerra. Foi o caso das montadoras de automóveis. Outras incorporaram para sempre as novas linhas de produção. (Lumpe, 1997)

A maior aposta do setor para manter-se lucrativo é o investimento em tecnologia. Calcula-se que as empresas da indústria de defesa investem 45 bilhões de dólares por ano no desenvolvimento de novos produtos. O resultado de tamanho investimento pode ser constatado nas campanhas militares do Iraque e do Afeganistão. O Exército com a tecnologia mais avançada do mundo desfila pelos desertos com Fuzis M4 com mira a laser e outras tecnologias de ponta — calcula-se que o poder de fogo de um soldado americano no Iraque corresponda ao de 650 soldados da Primeira Guerra Mundial. (Lumpe, 1997)

Além de ser o maior importador mundial de armas de fogo, os Estados Unidos incluindo o governo e a indústria privada - é o maior exportador, em termos de valor de armas se não quantidade. De acordo com dados da alfândega dos EUA, os Estados Unidos exportaram, em média, cerca de 350.000 armas de fogo por ano durante os anos de 1998–2003) (Brauer, 2013)

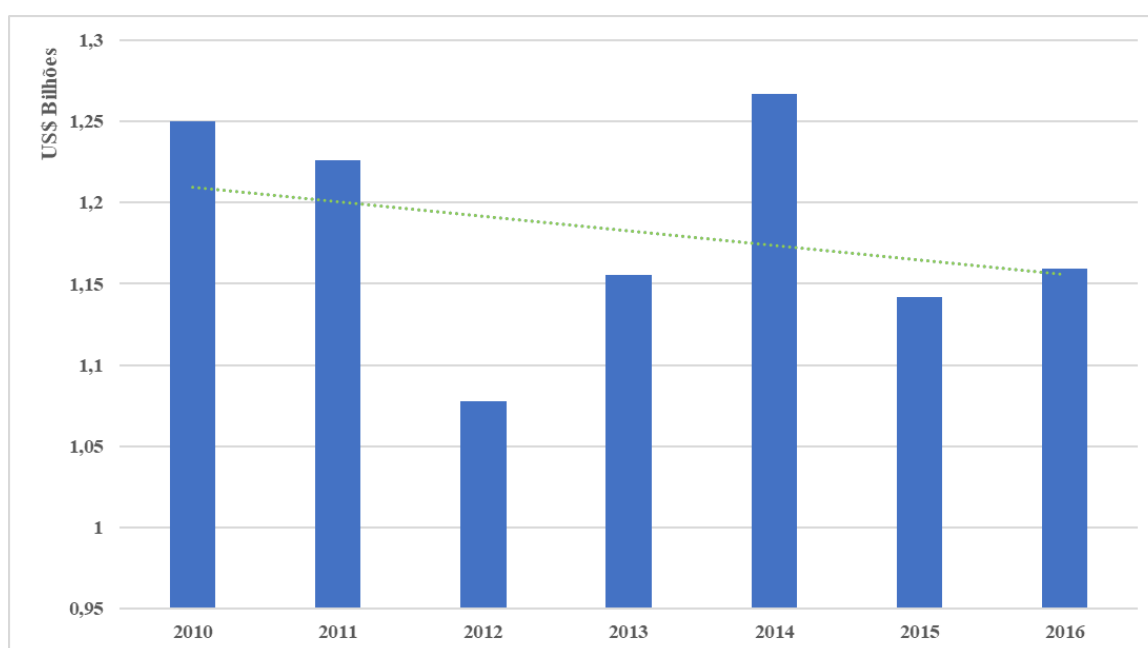
As exportações norte-americanas de armas leves constituem um papel muito relevante para a sociedade em geral. Por exemplo, armas pequenas são ferramentas primárias de um governo para controlar ou reprimir sua população. Da mesma forma, armas fornecidas a grupos insurgentes ou criminosos podem contribuir ao surto de aumento da violência comunitária ou hostilidades armadas, resultando em profundas dificuldades para a população. Por esta razão, o Congresso dos EUA mandou vários relatórios públicos sobre exportação de armas, aumentando o nível de transparência do país quanto às exportações de armamentos leves.

Os EUA, juntamente com a China e Rússia, são um dos grandes produtores mundiais de armas pequenas. Mais de 300 empresas, todas de propriedade privada, atendem tanto a mercados militares de armas pequenas quanto a mercado consumidores de civis. Ainda que bastante forte no mercado internacional, a indústria de armas leves não é um setor particularmente significativo da economia dos EUA. O valor total da produção foi de US\$ 2,059 bilhões (US\$ 1,2 bilhão para armas pequenas e US\$ 859

milhões para munição). Assim, o negócio de armas pequenas vale cerca de US \$ 2 bilhões por ano para a economia americana (Brauer, 2013).

O gráfico 4 apresenta uma análise da evolução das exportações de armamentos leves entre os anos de 2010 e 2016. A partir dele, é possível perceber que os montantes de exportação deste setor são bem relevantes, o que justifica veementemente a liderança americana neste segmento. Os anos de 2010, 2011 e 2012 apresentaram montantes menos expressivos entre US\$ 3 e US\$ 4 bilhões, mas o ano de 2013 trouxe melhores resultados com um crescimento de mais de US\$ 500 milhões, sinalizando o início de uma etapa mais próspera para o setor de armas leves. (NISAT)

**Gráfico 8 – Evolução das exportações de armamentos leves nos Estados Unidos, em US\$, 2010-2017.**



Fonte: Gráfico de elaboração própria com base em NISAT.

As exportações são impulsionadas por interesses comerciais dos fabricantes norte-americanos de armas de fogo e por considerações da política externa do governo americano. Desde a Segunda Guerra Mundial, a política externa dos EUA manteve laços militares estreitos com numerosos governos em todo o mundo através de um sistema de alianças militares regionais. Em 2005, os militares dos EUA tinham laços com mais de 146 países. O comércio de armas - incluindo armas pequenas - foi usado para fortalecer

essas alianças. Esta política de envolvimento militar global e comercial - com armamentos - permeou muitos mandatos do governo americano.

As grandes empresas produtoras de armamentos americanas são importantes agentes dessa preponderância do país neste setor. A tabela 3 apresenta as cinco principais empresas americanas produtoras de armamentos leves - Alliant Techsystems Inc., Colt's Manufacturing Co. LLC, Freedom Group, GenCorp e a General Dynamics Corporation - e detalha os seus produtos. (Small Arms Survey, 2012)

**Tabela 6 - Principais produtoras de armamentos leves dos Estados Unidos**

<b>Empresas</b>	<b>Produtos</b>
Alliant Techsystems Inc	Munição de armas pequenas e leves
Colt's Manufacturing Co. LLC	Armas leves e pequenas
Freedom Group	Armas pequenas e munição
GenCorp	Armas leves e munição
General Dynamics Corporation	Armas menos letais, armas leves e munição, armas pequenas e munição.

## 6 Considerações Finais

O posicionamento do Brasil no mercado internacional de armamentos não foi um evento isolado e proporcionado apenas por iniciativas internas. Ao longo dos últimos dois séculos, o Brasil de fato promoveu iniciativas para o desenvolvimento de sua indústria de defesa; Com JK, Vargas e o período militar, o país evoluiu da importação de armamentos para a construção de uma indústria sólida, que daria as bases para o alto nível de produção atual. As mudanças no sistema internacional e a ressignificação do conceito de segurança também foram grandes motores do desenvolvimento da indústria de armas leves, uma vez que abriram espaço para a entrada de diversos países em desenvolvimento. Dessa forma, entende-se que a política brasileira de exportação de armas de 2003 a 2014 é consequência da interação entre a mobilização dos âmbitos doméstico e internacional, ou seja, das transformações ocorridas no Sistema Internacional e as mudanças na política doméstica brasileira (Magalhães, 2006)

O desenvolvimento da indústria de defesa brasileira desencadeou o nascimento de grandes produtores de armas, por exemplo, o Grupo Forjas Taurus e a IMBEL. A Forjas Taurus é a principal companhia brasileira no mercado internacional de armas leves; a maior parte da produção da empresa é direcionada ao mercado externo, principalmente aos EUA. Segundo Doris Wilhelm, diretora de investimento da Forjas Taurus, a empresa tornou-se a quarta maior distribuidora de armas para os norte-americanos, ao lado de gigantes como Smith&Wesson. Um em cada cinco revólveres comprados por norte-americanos em 2012 veio da fabricante brasileira. Essa rápida expansão no território americano é parte de uma estratégia maior da holding Taurus, que nos últimos anos vem adotando uma estratégia mais agressiva para ampliar exportações.

Diferentemente da Forjas Taurus, a IMBEL utiliza uma estratégia menos agressiva quanto ao mercado externo. Por ser estatal, a empresa é a principal fornecedora de armamentos para o exército brasileiro, direcionando uma grande parcela de sua produção para atender as demandas internas do país. No que tange a mercado externo, 93% das exportações da IMBEL são direcionadas aos EUA e 3% ao Paraguai.

Através do crescimento da indústria doméstica e das iniciativas de internacionalização das empresas, o Brasil começou a se destacar no âmbito internacional. Em 2013, o Brasil aparecia como o quarto maior exportador de armas leves, mas superou a Alemanha em 2014, o último ano em que os dados estão disponíveis. A liderança continua sendo dos EUA, com vendas de US\$ 1,1 bilhão, seguida pela Itália, com US\$ 689 milhões. O Brasil aparece na terceira posição, com US\$ 591 milhões, o que significa uma posição muito relevante dado que este mercado movimenta de cerca de US\$ 6 bilhões e o produto brasileiro detém 10% de todo o mercado mundial de armamentos leves. Além da relevância do Brasil, o mercado de armas leves apresenta outras tendências instigantes aos amantes de comércio internacional; a presença de Turquia e Coreia do Sul entre os 15 maiores exportadores é uma dessas tendências. A inserção de países periféricos no comércio de armas leves demonstra a mudança na dinâmica no fornecimento destes produtos, em especial o aumento da globalização das fontes de fornecimento.

Articulando as diversas variáveis expostas neste trabalho, conclui-se que o cenário comercial do mercado de armas leves está muito vulnerável a mudanças. O conceito de armas leves, por exemplo, está aberto as alterações à medida que novas tecnologias surgem e o mercado desenvolve novos tipos de armamentos. Da mesma maneira, a criação de mecanismos de controle e o monitoramento das transferências de armamento vai favorecer muito o comércio internacional do setor, promovendo maiores índices de transparência. O ATT, principal acordo de controle de armamentos na atualidade, vai ter um papel muito importante no comércio internacional de armas leves, pois ele será o motor das mudanças no posicionamento dos países produtores.

Como consta no corpo deste texto, as exportações de armas não podem ser entendidas como simples transações comerciais, elas constituem também fenômenos políticos. Mesmo que um país exportador de armas adote apenas critérios econômicos na sua pauta de exportação, as transferências por ele realizadas produzem invariavelmente efeitos políticos, muitos deles indesejáveis. Por isso, o novo perfil almejado pelo Brasil no âmbito internacional requer coerência com os princípios e valores que a política externa brasileira tem defendido historicamente nos foros internacionais (Magalhães, 2016). Como solução para o aumento das suas exportações, o Brasil precisa investir em transparência para diminuir os riscos sobre a sua imagem política, econômica e comercial.



Dada à importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento de análises que possam servir de insumo para os grandes produtores de armamentos leves. A posição atual do Brasil neste mercado é bem favorável, no entanto ainda existem muitos espaços a serem pesquisados e, possivelmente, inseridos na pauta exportadora do país. Neste sentido, entende-se que o governo brasileiro deveria desenvolver incentivos à exportação e aplicar investimentos em educação, pesquisa e inovação, desencadeando o fortalecimento de pequenas e médias empresas, e expandindo, simultaneamente, a atuação de grandes empresas como Forjas Taurus e IMBEL. Com estes estímulos, o mercado brasileiro de armamentos pode se tornar um líder mundial, se equiparando aos EUA e ultrapassando outros países desenvolvidos.

## 7 Referências Bibliográficas:

ANDERSON, David G.. The International Arms Trade: Regulating Conventional Arms Transfers in the Aftermath of the Gulf War. **American University International Law Review**, Washington, v. 7, n. 4, p. 749-805, jan. 1992.

ARM TECHNOLOGY. **Report: modernisation of defence systems projected to drive brazilian arms imports.** Disponível em: <<https://www.army-technology.com/features/report-modernisation-defence-systems-projected-drive-brazilian-arms-imports/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

ARMS CONTROL ASSOCIATION. **Small arms, large problem: the international threat of small arms proliferation and misuse.** Disponível em: <[https://www.armscontrol.org/act/2006\\_06/smallarmsfeature#bio](https://www.armscontrol.org/act/2006_06/smallarmsfeature#bio)>. Acesso em: 06 jun. 2018.

AVILA, Carlos Federico Domínguez; SOUZA, Deywisson Ronaldo de; GUEDES, Marcos Aurélio. Arms Transfer Policies and International Security: the Case of Brazilian-Swedish Co-operation. **Contexto int.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 135-156, Apr. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-85292017000100135&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292017000100135&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Jun. 2018.

AVILA, Carlos Federico Domínguez. O Brasil, a política nacional de exportação de material de emprego militar - PNEMEM - e o comércio internacional de armas: um estudo de caso. **Tempo**, Niterói, v. 16, n. 30, p. 221-241, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042011000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042011000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 June 2018.

BERTONHA, João Fábio. Brazil: an emerging military power? The problem of the use of force in Brazilian international relations in the 21st century. *Rev. bras. polít. int.*, Brasília, v. 53, n. 2, p. 107-124, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292010000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292010000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Jun. 2018.

BOIVIN, Alexandra. Complicity and beyond: International law and the transfer of small arms and light weapons. **International Review of Red Cross**, [S.L], v. 87, n. 859, set. 2005. Disponível em: <[https://www.icrc.org/eng/assets/files/other/irrc\\_859\\_boivin.pdf](https://www.icrc.org/eng/assets/files/other/irrc_859_boivin.pdf)>. Acesso em: 17 mai. 2018.

BOURNE, Mike. **New threats and new actors in international security**. [S.L.: s.n.], 2005. 155-176 p.

COOPER, Neil. The Arms Trade Treaty in the Context of Post-Cold War Conventional Arms Trade Regulation. **Trust for Research and Education on the Arms Trade and the British Academy**, [S.L], jul. 2012. Disponível em: <<https://www.caat.org.uk/issues/att/att-neil-cooper.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

DEFENSE NEWS. **Turkey launches 'aggressive' defense export campaign**. Disponível em: <<https://www.defensenews.com/global/2017/01/19/turkey-launches-aggressive-defense-export-campaign/>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

DW. **1954: Assinatura dos Tratados de Paris**. 2018. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/1954-assinatura-dos-tratados-de-paris/a-314092>> Acesso em: 10 Maio 2018.

EL PAÍS. **Brasil aceita controlar exportações de armas em derrota da bancada da bala**. Fevereiro, 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/politica/1518198509\\_384870.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/politica/1518198509_384870.html)> Acesso em: 15 Mar. 2018.

ESTADO DE MINAS. **Brasileira forjas taurus é 4ª maior distribuidora de armas nos eua**. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2012/12/23/interna\\_nacional,339015/brasileira-forjas-aurus-e-4-maior-distribuidora-de-armas-nos-eua.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2012/12/23/interna_nacional,339015/brasileira-forjas-aurus-e-4-maior-distribuidora-de-armas-nos-eua.shtml)>. Acesso em: 01 jun. 2018.

EXAME. **A indústria de 150 bilhões**. 2011. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/revista-exame/a-industria-de-150-bilhoes-m0051720/>> Acesso em: 9 Maio 2018.

FEDERAL MINISTRY FOR ECONOMIC AFFAIRS AND ENERGY. **2016 military equipment export report.** Disponível em: <[https://www.bmwi.de/redaktion/en/publikationen/military-equipment-export-report-2016.pdf?\\_\\_blob=publicationfile&v=5](https://www.bmwi.de/redaktion/en/publikationen/military-equipment-export-report-2016.pdf?__blob=publicationfile&v=5)>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FORBES. **how a brazilian gun company became an overnight market leader in the u.s..** Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/frankminiter/2015/11/19/how-a-gun-maker-got-off-the-canvas-to-become-an-overnight-market-leader/#33c9cd6d2609>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

GROUP FOR RESEARCH AND INFORMATION ON PEACE AND SECURITY. **The proliferation of small arms and light weapons: definitions and challenges.** Disponível em: <[https://www.eiseverywhere.com/file\\_uploads/3f13b4b0e36f88abf0c9ec812d837b30\\_presentationwco.pdf](https://www.eiseverywhere.com/file_uploads/3f13b4b0e36f88abf0c9ec812d837b30_presentationwco.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2018.

GENEVA CENTER FOR SECURITY POLICY. **A treaty to regulate arms transfers: challenges and opportunities.** Disponível em: <<https://www.gcsp.ch/news-knowledge/global-insight/a-treaty-to-regulate-arms-transfers-challenges-and-opportunities>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

GLOBAL SECURITY. **Italy - Arms Industry Structure.** Disponível em: <<https://www.globalsecurity.org/military/world/europe/it-industry-structure.html>>  
GRIMMETT, Richard. **Conventional Arms Transfers in the Post-Cold War Era. CRS Report for Congress**, [S.L], set. 1993. Acesso em: 12 mai. 2018.

IPEA. **Mapeamento da base industrial de defesa.** Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/pdfs/livros/livros/160706\\_livro\\_mapeamento\\_defesa.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/pdfs/livros/livros/160706_livro_mapeamento_defesa.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2018.

KALDOR, Mary. **New and old wars: organized violence in a global era** (2ª edição). Stanford: Stanford University Press, 2007. Acesso em: 10 mai. 2018

KALDOR, M. **In Defence of New Wars**. Stability: International Journal of Security and Development. 2(1), 2013. p.Art. 4. Acesso em: 10 mai. 2018

KLARE, M. **The New Arms Race: Light Weapons and International Security**. 1997. Current History; Philadelphia, etc. Vol. 96, (Apr 1, 1997): 173. Acesso em: 12 mai. 2018.

KARP, A. **The Arms Trade Revolution: The Major Impact of Small Arms**. 1994. The Washington Quarterly. Volume 17, 1994 - Issue 4. Acesso em: 12 mai. 2018.

MORAES, Rodrigo. A INSERÇÃO EXTERNA DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE DEFESA: 1975-2010. **Texto para Discussão**, Brasília, fev. 2012. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1241/1/TD\\_1715.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1241/1/TD_1715.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2018.

NISAT. **Norwegian Initiative on Small Arms Transfers**. 2018. Disponível em: <<http://nisat.prio.org/>> Acesso em: 20 Abril 2018.

OXFORD BUSINESS GROUP. **Turkey's defence sector to boost exports as it transitions from arms procurement to manufacture and sale**. Disponível em: <<https://oxfordbusinessgroup.com/analysis/turkeys-defence-sector-boost-exports-it-transitions-arms-procurement-manufacture-and-sale>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

O GLOBO. **Estudo mostra que oito em cada dez armas apreendidas no Rio são revólver ou pistola**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/estudo-mostra-que-oito-em-cada-dez-armas-apreendidas-no-rio-sao-revolver-ou-pistola-17517799>> Acesso em: 25 mai. 2018

PNEWSWIRE. **Future of the brazil defense industry - market attractiveness, competitive landscape and forecasts to 2022**. Disponível em: <<https://www.prnewswire.com/news-releases/future-of-the-brazil-defense-industry---market-attractiveness-competitive-landscape-and-forecasts-to-2022-300535774.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

REVISTA INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. **Nascimento e coração do tratado sobre o comércio de armas.** Disponível em: <<http://sur.conectas.org/nascimento-e-coracao-tratado-sobre-o-comercio-de-armas/>>.

Acesso em: 01 jun. 2018.

SEATTLE TIMES. **U.S. leads world in import, export of small arms, U.N. report says.** Disponível em: <https://www.seattletimes.com/nation-world/us-leads-world-in-import-export-of-small-arms-un-report-says/>. Acesso em: 15 jun 2018.

SENNES, R.; MENDES, R. C.; KOHLMANN, G. Argumentos para um salto qualitativo da estratégia de inserção internacional do Brasil. *Prospectiva*. 2009. p. 15 Disponível em: [http://www.prospectivaconsultoria.com.br/attachments/609\\_Argumentos\\_insercao\\_internacional\\_do\\_Brasil.pdf](http://www.prospectivaconsultoria.com.br/attachments/609_Argumentos_insercao_internacional_do_Brasil.pdf). Acesso em 18 jan. 2016.

SIPRI. **Debating the future of the German arms industry, again.** 2014. Disponível em: <<https://www.sipri.org/commentary/blog/2014/debating-future-german-arms-industry-again>> Acesso em: 10 Maio 2018

SIPRI. **Italian Arms Report.** Disponível em: <[https://www.sipri.org/sites/default/files/2017-06/2016\\_voll.pdf](https://www.sipri.org/sites/default/files/2017-06/2016_voll.pdf)> Acesso em: 12 Abr. 2018.

SIPRI. **Jan. 10: Is South America on the brink of an arms race?** Junho, 2009. Disponível em: <<https://sipri.org/commentary/2009/jan-10-south-america-brink-arms-race>> Acesso em: 02 Abr. 2018.

SMALL ARMS SURVEY. **Producers of Small Arms, Light Weapons and their Ammunition.** 2014. Disponível em: <<https://www.files.ethz.ch/isn/182840/SAS-Research-Note-43.pdf>> Acesso em: 20 Abr. 2018.

SMALL ARMS SURVEY. **Small Arms in Brazil: Production, Trade, and Holdings.** 2010. Disponível em: <<http://www.smallarmssurvey.org/de/about-us/highlights/highlights-small-arms-in-brazil.html>> Acesso em: 20 Mar. 2018.

SMALL ARMS SURVEY. **Behind the Curve: New Technologies, New Control Challenges**, edited by Benjamin King and Glenn McDonald, February 2015. Occasional

Paper No. 32. Acesso em: 19 Abr. 2018

SMALL ARMS SURVEY. **The US Firearms Industry: Production and Supply**, by Jurgen Brauer, February 2013. Working Paper No. 14. Acesso em: 19 Abr. 2018

SMALL ARMS SURVEY. **Surveying Europe's Production and Procurement of Small Arms and Light Weapons Ammunition: The Cases of Italy, France, and the Russian Federation**, edited by Benjamin King, July 2010. Working Paper No. 1. Acesso em: 19 Abr. 2018

SMALL ARMS SURVEY. **Light Weapons: Products, Producers, and Proliferation**, by Eric Berman and Jonah Leff, 2008. In Small Arms Survey, Small Arms Survey 2008: Risk and Resilience. Acesso em: 19 Abr. 2018

SMALL ARMS SURVEY. **Multiplying the Sources: Licensed and Unlicensed Military Production**, by Barbara Gimelli Sulashvili, 2007. In Small Arms Survey, Small Arms Survey 2007: Guns and the City. Acesso em: 19 Abr. 2018

SMALL ARMS SURVEY. **Unpacking Production: The Small Arms Industry**, by James Bevan, 2005. In Small Arms Survey, Small Arms Survey 2005: Weapons at War. Acesso em: 19 Abr. 2018

SMALL ARMS SURVEY. **Trade Update 2017: Out of the Shadows**, by Paul Holtom and Irene Pavesi. September 2017. Acesso em: 19 Abr. 2018

SMALL ARMS SURVEY. **Trade Update 2016: Transfers and Transparency**, by Irene Pavesi. June 2016. Acesso em: 19 Abr. 2018

SMALL ARMS SURVEY. **Trade Update: After the 'Arab Spring'**, by Paul Holtom and Christelle Rigual, 2015. In Small Arms Survey, Small Arms Survey 2015: Weapons and the World. Acesso em: 19 Abr. 2018

SMALL ARMS SURVEY. **Yearbook 2001**. Disponível em: <<http://www.smallarmssurvey.org/fileadmin/docs/a-yearbook/2001/en/small-arms-survey-2001-chapter-01-en.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2018

SQUEFF, Flávia; ASSIS, Lucas. THE DEFENSE INDUSTRY IN BRAZIL: CHARACTERISTICS AND INVOLVEMENT OF SUPPLIER FIRMS. **Texto para Discussão**, Brasília, v. 1878a, jan. 2014. Disponível em: <[http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/ingles/dp\\_195.pdf](http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/ingles/dp_195.pdf)>. Acesso em: 04 abr. 2018.

THE GUARDIAN. **north korea's secretive small arms exports under spotlight in global survey**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/sep/13/north-korea-is-one-of-worlds-most-secretive-small-arms-exporters>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

THE HUFFINGTON POST. **Jailing americans for profit: the rise of the prison industrial complex**. Disponível em: <[https://www.huffingtonpost.com/john-whitehead/prison-privatization\\_b\\_1414467.html](https://www.huffingtonpost.com/john-whitehead/prison-privatization_b_1414467.html)>. Acesso em: 22 mai. 2018.

United States Department of Justice Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives. **Firearms Commerce in the United States Annual Statistical Update 2017**. Disponível em: <<https://www.atf.gov/resource-center/docs/undefined/firearms-commerce-united-states-annual-statistical-update-2017/download>> Acesso em: 8 Maio 2018

UNODA. **The Arms Trade Treaty**. Disponível em: <<https://www.un.org/disarmament/att/>> Acesso em: 23 Mar. 2018

ONU. **Registro de Armas Convencionais das Nações Unidas**. Disponível em: <<https://www.unodc.org/gsh/en/data.html>>. Acesso 18 set. 2015. \_\_\_\_\_.

UNDOC. **Global Study on Homicide: 2013**. Disponível em: Acesso em 16 de set. de 2015.



**VEJA. Maioria das armas leves no Brasil é ilegal.** Disponível em:  
<<https://veja.abril.com.br/brasil/maioria-das-armas-leves-no-brasil-e-ilegal/>> Acesso  
em: 21 mai. 2018